



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

**CLÁUDIO CÉSAR ALVES SIMPLÍCIO**

**SOBERANAS - LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER: O ENSINO DE**  
**GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR**

**FORTALEZA**

**2022**

CLÁUDIO CÉSAR ALVES SIMPLÍCIO

SOBERANAS - LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER: O ENSINO DE  
GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Sociologia. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes.

FORTALEZA

2022

Página reservada para ficha catalográfica.

Utilize a ferramenta *online* [Catalog!](#) para elaborar a ficha catalográfica de seu trabalho acadêmico, gerando-a em arquivo PDF, disponível para download e/ou impressão.

(<http://www.fichacatalografica.ufc.br/>)

CLÁUDIO CÉSAR ALVES SIMPLÍCIO

SOBERANAS - LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER: O ENSINO DE  
GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Sociologia. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monalisa Soares Lopes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Maria de Sousa Lima  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

A Deus.

E a todas as vítimas desta terrível Pandemia.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e a minha querida esposa Benúcia Oliveira, pelo apoio, incentivo e compreensão diante de todas dificuldades.

A minha enteada Larissa Ingrid pelo apoio, incentivo e ajuda nas questões tecnológicas.

As alunas Francisca Carolina e Riane Monteiro pioneiras do projeto Soberanas, pela coragem e ousadia na forma que lidaram com o tema.

Aos meus queridos professores/as pelas contribuições teóricas e metodológicas.

Aos colegas de turma que engrandeceram as aulas com reflexões e debates maravilhosos.

Em especial para meu querido orientador e professor Francisco Willams Ribeiro Lopes, pela paciência e companheirismo.

E a todos/as que de alguma forma direta ou indireta participaram desta jornada.

“Não posso dizer que tenha entendido todas as palavras que foram ditas aqui, mas uma coisa posso afirmar: cheguei a esse curso, *ingênuo* e, ao descobrir-me ingênuo, comecei a tornar-me *crítico*. Esta descoberta, contudo, nem me faz fanático, nem me dá a sensação de desmoronamento” (FREIRE, 1981, p. 20).

## RESUMO

O “Soberanas - Lugar de mulher é onde ela quiser” é um projeto de intervenção pedagógica que tem por objetivo ampliar o diálogo e a compreensão sobre questões relativas às relações de gênero, com foco específico na condição da mulher e do seu papel na sociedade contemporânea, e elaborar uma proposta sequencial de atividades sobre igualdade e equidade de gênero que poderá ser utilizada com estudantes no ambiente escolar durante as aulas de Sociologia. Esta proposta sequencial de atividades sobre igualdade e equidade de gênero foi utilizada com os/as alunos/as de 1º série do ensino médio durante as aulas de Sociologia e Filosofia na Escola Estadual de Educação Profissional Edson Queiroz na cidade Cascavel-CE, no ano de 2020. Devido às condições atuais provocadas pela Pandemia do vírus SARS-CoV-2, causador da covid-19, as atividades e discussões das temáticas previstas para serem realizadas de forma presencial, foram adequadas ao ambiente virtual, sendo realizadas de forma remota (síncronas e assíncronas), com a utilização de tecnologias digitais da informação e comunicação. Neste trabalho, além de uma descrição pormenorizada da intervenção pedagógica, apresento os efeitos de sua realização entre os/as estudantes do ensino médio a partir de materiais audiovisuais (micro-vídeos), produzidos pelos estudantes, que expressam suas perspectivas sobre gênero e sexualidade. Tais materiais mostraram que as discussões promovidas pela intervenção ultrapassaram as questões relacionadas apenas à mulher, transbordando de modo interseccional para outras esferas socioculturais e que envolvem variadas dimensões da construção de uma identidade de gênero. Além disso, as ações desenvolvidas reforçaram que o enfrentamento dessas questões pode metamorfosear a vida dos/as jovens e, desta forma, indicar novos caminhos de socialização para uma juventude carente de oportunidades.

**Palavras-chaves:** Gênero. Ensino de Sociologia. Intervenção pedagógica. Escola.

## ABSTRACT

The “Soberanas - Lugar de mulher é onde ela que” is a pedagogical intervention project that aims to expand dialogue and understanding on issues related to gender relations, with a specific focus on the condition of women and their role in contemporary society, and develop a sequential proposal of activities on gender equality and equity that can be used with students in the school environment during Sociology classes. This sequential proposal of activities on gender equality and equity was used with 1st grade high school students during Sociology and Philosophy classes at the Edson Queiroz State School of Professional Education in Cascavel-CE, in the year of 2020. Due to the current conditions caused by the SARS-CoV-2 virus Pandemic, which causes covid-19, the activities and discussions of the themes planned to be carried out in person, were adapted to the virtual environment, being carried out remotely (synchronous and asynchronous), with the use of digital information and communication technologies. In this work, in addition to a detailed description of the pedagogical intervention, I present the effects of its realization among high school students from audiovisual materials (micro-videos), produced by students, which express their perspectives on gender and sexuality. Such materials showed that the discussions promoted by the intervention went beyond issues related only to women, crossing in an intersectional way to other sociocultural spheres and involving various dimensions of the construction of a gender identity. In addition, the actions developed reinforced that facing these issues can metamorphose the lives of young people and, in this way, indicate new paths of socialization for a youth lacking opportunities.

**Keywords:** Gender. Teaching Sociology. Pedagogical intervention. School.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Curricular Comum
EEEP	Escola Estadual de Educação Profissional
ENESEB	Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica
DCRC	Documento Curricular Referencial do Ceará
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo e + utilizado para incluir variações de sexualidade e gênero
ONG	Organização não governamental

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1.2</b>	<b>Por que ensinar sobre gênero no ambiente escolar?</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>MARCOS TEÓRICOS QUE NORTEIAM A PESQUISA</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>Relações de gênero no ambiente escolar</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>Desafios didáticos e pedagógicos para o ensino de Sociologia no ensino médio</b>	<b>26</b>
<b>2.3</b>	<b>Reflexões sobre métodos e práticas pedagógicas no ensino de Sociologia</b>	<b>34</b>
<b>2.4</b>	<b>O ensino de Sociologia metamorfoseando a vida dos jovens: em busca de um lugar ao sol.</b>	<b>39</b>
<b>3</b>	<b>“SOBERANAS - LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER”: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOBRE O ENSINO DE GÊNERO</b>	<b>46</b>
<b>3.1</b>	<b>Objetivos de aprendizagem</b>	<b>47</b>
<b>3.2</b>	<b>Sequência didática da intervenção pedagógica</b>	<b>47</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS EFEITOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE OS/AS ESTUDANTES</b>	<b>59</b>
<b>4.1</b>	<b>Categorização dos materiais produzidos pelos estudantes</b>	<b>59</b>
<b>4.2</b>	<b>Aportes teóricos que fortalecem as reflexões engendradas pela intervenção</b>	<b>69</b>
<b>4.3</b>	<b>Os postulados de uma “escola sem partido”</b>	<b>72</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>77</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Soberanas - Lugar de mulher é onde ela quiser” é um projeto de intervenção pedagógica que tem por objetivo ampliar o diálogo e a compreensão sobre questões relativas às relações de gênero, com foco específico na condição da mulher e do seu papel na sociedade contemporânea, e elaborar uma proposta sequencial de atividades sobre igualdade e equidade de gênero que poderá ser utilizada com estudantes no ambiente escolar durante as aulas de Sociologia.

Dito de outra forma, visa avaliar e analisar as condições de tratamento sofridas pelo gênero feminino na contemporaneidade, pois mesmo depois de tantos avanços e conquistas dos direitos civis, sociais e políticos, são as mulheres que sofrem e vivenciam abusos, assédios e violências de todos os tipos. Infelizmente, tais violências e casos de feminicídio não param de ocorrer, mesmo depois da criação e implementação da Lei Maria da Penha em 7 de agosto de 2016, criada com o objetivo de punir com mais rigor os agressores contra a mulher no âmbito doméstico e familiar. Maria da Penha se tornou símbolo nacional da luta das mulheres contra a opressão e a violência. Neste sentido se faz premente ampliar as vias de discussões e reflexões sobre as relações de gênero entre adolescentes nos ambientes escolares, e de como o ensino de Sociologia pode mediar esta relação pedagógica de ensino-aprendizagem.

Desta forma, o projeto de intervenção pedagógica ora apresentado pretende realizar, dentre outras questões, uma avaliação de metodologias e práticas no ensino de Sociologia refletindo sobre como esse saber pode aprimorar o fazer pedagógico. Este é um projeto desenvolvido por mim, com outro formato, desde 2017, na E.E.E.P. Edson Queiroz na cidade Cascavel, Ceará, cujo objetivo tem sido discutir relações de gênero entre adolescentes no ambiente escolar. Inicialmente, o projeto era intitulado como “Soberanas: lugar de mulher é onde ela quiser” e, nas configurações atuais, intitula-se “DICE: será que a sociedade não entendeu”<sup>1</sup>. O nome “DICE” representa uma Deusa Greco-romana da justiça, porém sem a venda nos olhos, para poder vigiar as ações dos homens, ela era punitiva e vingadora da violação das leis, buscava a justiça e a verdade.

---

<sup>1</sup> A mudança no nome do projeto se deu por conta da renovação de integrantes do grupo e pela busca de uma identidade para o projeto na sua função escolar, algumas das integrantes do grupo concluíram o terceiro ano e deixaram a escola, e outras alunas que entraram na escola decidiram continuar, pois já conheciam o trabalho na comunidade escolar.

O projeto “DICE ou SOBERANAS” nunca foi trabalhado de forma aleatória, mas com organização sistemática de datas e períodos previamente estabelecidos e discutidos entre os alunos/as, professores/as e gestão, sendo formalizado no cronograma escolar anual. O grupo que representa o “DICE” na escola conquistou vários espaços de fala, dentre eles posso citar o Carnaval Consciente, Semana da Mulher em março, Fórum da Juventude em setembro e os Momentos de Cidadania, que acontecem todas às quartas-feiras no intervalo de almoço na praça de alimentação da escola.

A ideia de criação do projeto DICE/SOBERANAS surgiu devido às dificuldades que encontrei, como professor de Filosofia e Sociologia no ensino médio, em trabalhar temáticas com maior relevância social. Assim, procurei implementar aulas que estimulam aos alunos/as, com formatos mais lúdicos que pudessem atrair sua atenção e que conseguisse dar sentido aos propósitos das Ciências Sociais como instrumento de reflexão crítica e ação social. Então, me senti provocado e estimulado a mudar meus métodos de trabalho, buscando novos desafios didáticos e pedagógicos.

Mediante as reflexões e discussões sobre o conjunto de ações realizadas a partir do projeto Dice/Soberanas, percebe-se que o projeto de pesquisa e estudo se aproxima da modalidade “intervenção pedagógica” do Mestrado Profissional, podendo ser organizado de forma sistemática com uma orientação teórico-metodológica que conduza à práxis pedagógica de professores tanto de Sociologia, como de outras áreas afins. Dito isto, vale ressaltar que a aplicação do projeto como intervenção pedagógica ocorreu em meio a pandemia causada pelo coronavírus, sendo assim adaptado para formas remotas de execução.

Portanto, este projeto de intervenção pedagógica utilizando-se do nome inicial, Soberanas, desenvolverá uma proposta sequencial de atividades que orientarão práticas pedagógicas utilizadas na disciplina de Sociologia no ensino médio. Não obstante, será fundamental a análise dos métodos a serem utilizados com os/as alunos/as para compreender melhor sua eficácia como instrumento de transformação social e empoderamento feminino. Além disso, possibilitará refletirmos sobre as práticas metodológicas utilizadas no ensino de Sociologia a partir de um projeto de intervenção, e de como a Sociologia, enquanto disciplina escolar, poderá se utilizar de procedimentos desta natureza como elementos eficazes na produção de conhecimento e aprendizagem.

## 1.2 Por que ensinar sobre gênero no ambiente escolar?

A violência contra a mulher vem sendo tema de debates e discussões nos diversos segmentos da sociedade e recebendo muita divulgação da mídia escrita e televisiva. Todos os dias são noticiados crimes de violência, sejam no nosso ou em outros países. É um problema universal que atinge todas as classes sociais, não escolhendo nível de escolaridade, situação econômica, raça ou crenças religiosas.

Em 2019, cerca de 1,6 milhões de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor, entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda. Os dados são de um levantamento do Datafolha encomendada pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) para avaliar o impacto da violência contra as mulheres no Brasil<sup>2</sup>.

A violência contra a mulher é histórica no Ocidente, desde a Grécia e Roma antigas as mulheres sofrem discriminação pelo sexo, não sendo consideradas cidadãs e sendo usadas apenas como progenitoras. Na idade média, a religiosidade passa a exercer um controle moral sobre os corpos femininos, demonizando atitudes contrárias aos preceitos da igreja, perseguindo e instaurando uma caça às “bruxas”, condenando à fogueira várias Joanas D’Arcs. Adentramos na Modernidade e as perseguições continuaram, mesmo na Revolução Francesa, a declaração dos direitos são para homens. O mundo passa por mudanças e transformações na contemporaneidade, entretanto as mulheres continuam alijadas dos direitos e conquistas desse mundo cientificamente dito “evoluído e avançado”, mulheres são queimadas vivas em fábricas e trancafiadas em casa, como objetos desprovidos de desejos e vontades.

Isto é apenas um resumo dentro de um mundo de informações sobre as mais variadas formas de agressão contra as mulheres, nem precisamos de estatísticas basta olhar ao nosso redor, muitas vezes não percebemos essa violência porque ela se naturalizou. Em um mundo sexista e misógino as diversas agressões passam despercebidas, tudo parece normal e naturalmente aceito, é preciso incentivar nas escolas

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

a literatura produzida por mulheres e para mulheres, mostrando a luta feminina, seja nos movimentos ou isoladamente, pelos seus direitos civis, políticos e sociais. Mostrar também para o mundo toda produção acadêmica, científica e literária de cunho feminino que podem contribuir para construção de um mundo melhor e menos desigual. Enfim, produzir um mundo mais justo e equânime, onde não exista tanta violência fortuita contra a mulher.

Lamentavelmente, todos os tipos de violência há muito se fazem presente na nossa sociedade, enraizada em questões históricas e culturais. Com a edição da Lei Maria da Penha em 7 de agosto de 2006, foram previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Com a lei, a questão extrapolou a esfera privada, saiu das “quatro paredes”, do recesso do lar e ganhou espaço público, fazendo com que cada vez mais toda sociedade se empenhe, ou deva empenhar-se, para mudar e reverter este quadro degradante.

Desde os primórdios da civilização, existe uma perpetuação do poder masculino por meio da imposição de costumes e da cultura, que durante muito tempo legitimou a posição inferior, tanto social quanto política, da mulher. Infelizmente, entre homens e mulheres ainda é possível constatar profunda discrepância de direitos e deveres. Apesar dos avanços e conquistas consideráveis nos últimos anos, ainda se faz necessário uma busca incessante pela igualdade de condições sociais, políticas e econômicas.

O atual cenário endossa a importância de se discutir a participação feminina em todos os segmentos da sociedade, como, por exemplo, na política. Em um levantamento realizado pela ONU em 2019, a participação das mulheres no governo Bolsonaro é uma das menores do mundo, entre 22 pastas são apenas duas mulheres, cerca de 9%, no legislativo não é diferente são cerca de 20%, perfazendo uma média de 15%, mesmo com sistema de cotas de no mínimo 30%, ainda temos muito que avançar<sup>3</sup>.

Com relação ao mercado de trabalho, as discrepâncias continuam principalmente relacionadas à remuneração salarial, de forma geral e sem recortes por níveis, as trabalhadoras brasileiras recebem, em média, 20,5% menos que os homens. As remunerações salariais por nível de escolaridade revelam números assustadores, 30% das

---

<sup>3</sup> Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-esta-entre-os-piores-em-participacao-de-mulheres-no-governo/>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

mulheres possuem nível superior e pós-graduação, enquanto homens são 24%, mesmo assim, eles podem chegar a ganhar até 52% a mais que elas exercendo a mesma função. Outra evidência da injustiça no mercado de trabalho entre os gêneros são as taxas de ocupação e desemprego, as mulheres correspondem à maior parte da população fora da força de trabalho (entre trabalhos formais e informais) em todas as regiões do país, o equivalente a 64,7%<sup>4</sup>. As diferenças são significativas e refletem a necessidade de revermos nossos conceitos sobre todas as questões que envolvam gênero.

O papel da mulher na sociedade contemporânea merece discussões mais aprofundadas devido às particularidades de sua própria história, pois são as principais vítimas do patriarcalismo. Percebemos que, mesmo em tempos de ampliação e progressos democráticos, as mulheres não são favorecidas do mesmo modo que deveriam ser em relação aos homens.

Na contramão das estatísticas, a função social desta proposta de intervenção pedagógica no contexto escolar é reforçar a ideia de desenvolvimento, conscientização e empoderamento das mulheres com relação à efetivação dos seus direitos. Tenho consciência das dificuldades, das limitações no trato da questão, especialmente a falta de serviços e políticas públicas, mas é preciso que cada um de nós procure entender que o problema afeta toda a sociedade, e dentro da nossa área de atuação, como educadores/as e cidadãos, não mediremos esforços para atuarmos no sentido de oferecer uma resposta eficaz aos apelos da sociedade, ou pelo menos, tratar a questão com o respeito e a importância que ela merece.

Embora, de início, esse campo de estudo tenha se concentrado e sido fortemente influenciado pelo movimento feminista e seus desdobramentos históricos, e que a sua preocupação central tenha sido somente a questão da mulher e de seus direitos e conquistas, nos dias atuais se faz necessário uma ampliação dos estudos de gênero com intensa discussão que incluam debates muito mais amplos que somente a questão da mulher.

Entretanto, este projeto de intervenção pedagógica versa prioritariamente sobre questões relativas ao gênero feminino, entendendo o conceito de gênero como uma visão

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<<https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/carreira/o-mercado-de-trabalho/mulheres-no-mercado-de-trabalho-panorama-da-decada/>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

de mundo para caracterizar o masculino, o feminino e suas variações que não se fundamentam em um princípio evolutivo de ordem biológica e nem morfológica, mas sim em uma construção social, cultural e histórica, que se baseia principalmente na identidade subjetiva das pessoas, que podemos determinar como sendo a formação de uma identidade de gênero (BUTLER, 2003).

Ao mesmo tempo, o projeto traz em seu bojo um conjunto de situações que merecem destaque, como por exemplo: identidade e diferença; transexualidade; movimentos sociais e culturais; desigualdade e violência; dentre outros. Além disso, utiliza-se como elemento motivador a discussão sobre o papel e o lugar da mulher na sociedade contemporânea, e partindo desse contexto, fomenta várias outras discussões de características interseccionais.

Todas as discussões engendradas pela aplicação deste projeto de intervenção na EEEP Edson Queiroz, em Cascavel, e seus desdobramentos, são pertinentes merecendo destaque e aprofundamento para melhor apropriação do assunto. Produzindo reflexões que podem despertar e motivar educadores/as, a buscar aperfeiçoamento das questões relativas à didática utilizada para abordagem dessas problemáticas, desta forma poderemos criar variadas condições de possibilidades para avaliarmos melhor o nosso fazer pedagógico e o aprendizado de nossos discentes.

Acredito que não adiantaria muita coisa os professores/as possuírem apenas um grande capital cultural e social, sem poder disponibilizar-se de instrumentais pedagógicos e didáticos eficientes para desenvolverem suas atividades de forma satisfatória, despertando nos alunos/as o gosto e o estímulo pelo saber. Da mesma forma também não adiantaria muito se o/a professor/a dispuser de vasta instrumentalização prática se não dispõe de referenciais teóricos para despertar na juventude a imaginação sociológica.

É preciso uma inter-relação entre esses vetores, ter aprofundamento teórico unido a práticas pedagógicas de ensino, e que essa inter-relação teórica e prática reverbere-se na construção do conhecimento sociológico. Além desses fatores é preciso ter sensibilidade para a escolha dos temas abordados que devem ser carregados de relevância social, pois a aplicação de um trabalho de intervenção que discuta e reflita sobre a condição da mulher em nossa sociedade, provoca grandes transformações dentro do espaço escolar e na vida de muitos adolescentes.

Para começar outras discussões, devemos refletir que: diante da conjuntura que nos encontramos atualmente, como aproximar e desenvolver os conhecimentos sociológicos suscitando uma imaginação sociológica para jovens no ensino médio? E de que forma ou maneira, os conhecimentos sociológicos, nos seus primeiros formatos de apresentação para jovens e adolescentes, devem ser articulados e organizados? Quais seriam os melhores formatos de se trabalhar com jovens diante das atuais dificuldades imputadas às Ciências Humanas? Como fazer para não os afugentar das ciências sociais, pois uma prática mal sucedida pode causar danos irreversíveis ao apreço que este jovem pode e deveria desenvolver pela Sociologia.

Estes questionamentos servem para delimitarmos e entendermos que o projeto de intervenção pedagógica “Soberanas: Lugar de mulher é onde ela quiser”, em suas atuais configurações se apresenta como possibilidade didática de se desenvolver como ferramenta adequada para se trabalhar o tema das relações de gênero entre adolescentes no ambiente escolar, pois se trata de aplicar métodos lúdicos e teóricos a temática de suma importância social.

Entretanto, a escola tem um projeto político pedagógico no qual a Sociologia deve adequar-se e enquadrar-se, e muitas vezes, pode ocorrer que o professor está pronto para a escola, mas a escola não está pronta nem para o professor muito menos para o ensino de Sociologia, será que a escola estará pronta para as Ciências Sociais e para as mudanças que urgem na sociedade?

As mudanças e transformações nas práticas pedagógicas devem ser constantes e estarem conectadas com as mudanças que atingem as juventudes, por isso o exercício de auto avaliação por parte do professor (a), tanto dos métodos, como dos resultados, como dos temas, precisam ser sempre revistos de forma contínua e meticulosa.

Mediante as discussões e reflexões realizadas sobre o projeto de intervenção pedagógica “Soberanas/Dice”, gostaria de ressaltar sua importância social no trato das questões relativas ao ensino de gênero entre adolescentes e de como essas relações podem ser trabalhadas no ambiente escolar, reforço também que o trato dessas questões pode metamorfosear nossas vidas, indicando novos caminhos de socialização para uma juventude carente de oportunidades.

## 2 MARCOS TEÓRICOS QUE NORTEIAM A PESQUISA

Para elaboração do estado da arte, procurei, mesmo vindo de uma área de formação afim, a Filosofia, conhecer estudos do chamado subcampo “Ensino de Sociologia”. A importância de conhecer as discussões relacionadas à gênero nos estudos do ensino de Sociologia, além de reforçar o conhecimento, podem comprovar que esta intervenção pedagógica contribui no meu campo de atuação acadêmica, bem como para a instituição em que trabalho, recrudescendo meus referenciais teóricos e metodológicos.

Para tanto, realizei um levantamento de trabalhos científicos nas Bases de Dados Google acadêmico, Scielo e biblioteca virtual da UFC, no período de março a maio de 2020, considerei publicações do tipo artigo, dissertação, tese e capítulo de livro a partir dos seguintes descritores: Ensino de Sociologia; Práticas de ensino; Mulheres na Sociologia; Metodologias do ensino de Sociologia; Práticas pedagógicas em Sociologia; Sociologia e ensino; Ensino de gênero a questão da mulher; Gênero no ambiente escolar; e Questão de gênero na escola.

Os critérios de inclusão foram à similaridade na relação e relevância com temática proposta pelo projeto a partir da leitura dos títulos e dos resumos; e também do idioma (Português), e os de exclusão foram as divergências e irrelevâncias com as temáticas do projeto e da pesquisa; e o idioma (língua estrangeira). Neste levantamento, foram localizadas 893 publicações relacionadas aos descritores utilizados. Deste número, utilizei efetivamente 45 publicações para nortear a elaboração e realização da intervenção pedagógica, algumas estão diluídas ao longo deste trabalho.

Além destas publicações, foram utilizados outros materiais bibliográficos de autores e autoras clássicos. Este levantamento, que se refere apenas a uma ínfima parcela dentro do universo que representa as percepções do ensino de Sociologia no ensino médio, fomentou também algumas questões problemas que podem ser lacunas a serem exploradas ou que possam contribuir com minha linha de pesquisa.

Alguns dos questionamentos a serem aprofundados seriam: como compreender as práticas do ensino de Sociologia desenvolvido no ensino médio enquanto ferramenta capaz de estimular os discentes no exercício do seu convívio social? De que forma as relações de gênero estão sendo abordadas no ambiente escolar entre os jovens? Quais perspectivas e possibilidades do ensino de Sociologia fomentam nos adolescentes a

importância de se discutir gênero e diversidade como elementos de transformação social? E, como o ensino de Sociologia com relação a gênero pode contribuir para mitigar os preconceitos e violências sofridas pelas mulheres, seja no espaço escolar e/ou na sociedade?

A partir do estado da arte e dos questionamentos a serem aprofundados, foram definidos como referenciais teóricos as relações de gênero na escola, os desafios didáticos e pedagógicos do ensino de Sociologia para adolescentes no ambiente escolar e as reflexões sobre o ensino de Sociologia por meio de intervenções pedagógicas.

## **2.1 Relações de gênero no ambiente escolar**

As discussões e reflexões sobre as relações de gênero no ambiente escolar estão circunscritas pelas questões que envolvem os direitos relativos à igualdade e equidade de gênero na sociedade. Em um dos primeiros livros que pesquisei, “A Sociologia da educação”, de Nelson Piletti, encontrei uma prolífera reflexão sobre os variados grupos que formam a escola, dentre esses grupos que ele denomina de grupos de sexo, o autor nos afirma que:

No início da adolescência surge uma relação ambígua entre os sexos. O púbere, na medida em que cresce a identificação com o próprio sexo, ao mesmo tempo em que sente atração pelo sexo oposto, tende a desvalorizá-lo: muitas vezes o menino torna-se grosseiro com as meninas, são comuns as conversas sobre aspectos vistos como negativos na conduta do outro sexo. Tal realidade deve ser compreendida pela escola, à qual cabe contribuir para a superação da ambiguidade, de forma que os grupos de diferentes sexos alcancem adaptação mútua (PILLETI, 2007, p. 56-57).

No texto, o autor nos relata que no decorrer da adolescência, quando começam as atrações sexuais, os meninos tornam-se grosseiros com as meninas, e que esta realidade deve ser identificada e trabalhada pela escola. Entretanto, não se tratando de uma crítica, mas uma ampliação da discussão, as formas de tratamento dos meninos perante as meninas ou mesmo também com os chamados “diferentes”, daquilo que a sociedade entende como padrão heteronormativo hegemônico, acontece no processo de socialização e configuração dos papéis sociais atribuídos aos indivíduos de acordo com cada cultura.

Sendo assim, nossa cultura que está fundamentada em um patriarcalismo, deixará bem nítido estas diferenças no tratamento que as famílias destinam aos meninos e as meninas na sua educação, e a escola tem a incumbência de romper com este quadro

hegemônico de dominação masculina. Por isso, quando pensei em um projeto de intervenção pedagógica, pensei também em começar a trabalhar no sentido de romper esse ciclo vicioso de dominação de um grupo sobre o outro, ou mesmo no âmbito familiar questionar o tratamento destinado aos meninos em detrimento dos afazeres destinados a meninas.

Para contribuir e enriquecer nosso debate gostaria de citar a socióloga Melissa de Mattos Pimenta (2010), em seu trabalho sobre “Diferença e desigualdade de gênero”, quando a mesma discute sobre uma das principais diferenças entre os seres humanos afirmando que:

Ser homem ou ser mulher é muito mais do que ter um sexo biologicamente definido, significa ter sentimentos, atitudes e comportamentos associados a homens e mulheres. Por essa razão, do ponto de vista da Sociologia, essa distinção é denominada gênero e tem como base características psicológicas, sociais e culturais associadas à divisão masculino/feminino (PIMENTA, 2010, p. 142).

Ser homem ou ser mulher, ser masculino ou ser feminino, não define a grandiosidade de comportamentos, sentimentos e atitudes que estão associados ao fato de sermos todos seres humanos, ou filosoficamente como disse Nietzsche (2017), somos “humanos demasiadamente humanos”. O que realmente pode nos definir? Será às expectativas de como vamos lidar com as construções históricas e culturais do nosso grupo no tempo/espaço que estamos vivenciando? Esta formação social implicará em nossa edificação do que se pode chamar de uma identidade de gênero, que jamais poderá ser cerceada, pois isso pode implicar ou acarretar sérios distúrbios e danos emocionais.

A seriedade do tema rege sua importância de ser trabalhado no ambiente escolar, pois existe muita desinformação que acaba por atrapalhar o entendimento do assunto entre os jovens, a sociedade infelizmente ainda está muito presa ao conservadorismo tradicionalista da religião, que dogmatiza e demoniza as informações contrárias ao moralismo e aos bons costumes professados pela igreja, seja ela qual for. Naturalizamos os papéis sociais deterministas engendrados pelos fatores biológicos, geográficos e temporais.

Uma das maiores vozes africanas da literatura na atualidade, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie defende que “todos devemos ser feministas”, essa frase surgiu de um discurso seu que se transformou no livro “Sejamos todos feministas” (2018), no qual a tônica dessa palestra seria uma crítica aos discursos de ódio, tão comuns

atualmente. Em um trecho do livro ela afirma que “tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores e criativos. Nós evoluímos, mas nossas ideias de gênero ainda deixam muito a desejar” (ADICHIE, 2018, p. 21). Precisamos com urgência de uma agenda para essas discussões, pois as questões relativas a gênero e todas suas narrativas atingem diretamente o tratamento que é dado às mulheres não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Como se fosse uma pandemia.

As questões relativas a gênero parecem que sempre serão tratadas como tabus na sociedade, por isso é preciso deixar este assunto sempre nas pautas de discussão, principalmente na escola. Para que isso ocorra é preciso que os profissionais também tenham o mínimo de entendimento de como abordar tal temática, e para abordar o tema temos que entendê-lo em todas as suas nuances, por este motivo, quero dar um destaque para uma discussão trazida por Anthony Giddens (2008), quando ele trata como sendo “socialização de gênero”, o aprendizado dos papéis sociais por meio dos processos de interação com os agentes de socialização:

Esta abordagem estabelece uma distinção entre sexo biológico e gênero social – uma criança nasce com o primeiro e desenvolve-se com o segundo. As crianças, através dos contatos com diversos agentes de socialização interiorizam progressivamente as normas e expectativas sociais que correspondem ao seu sexo. As diferenças de gênero não são determinadas biologicamente, mas geradas culturalmente. Neste sentido, existem desigualdades de gênero, pois os homens e as mulheres são socializados em papéis diferentes (GIDDENS, 2008, p. 110).

Nesta justificativa sobre as desigualdades de gênero geradas pelo que Giddens chama de socialização de gênero são reportadas duas cruciais questões: a primeira relativa ao entendimento de que sexo biológico se difere de gênero, que é social; a segunda, que as desigualdades de gênero podem ser quebradas a partir de uma intervenção pedagógica que possa romper com o processo de construção das identidades a partir de interações fundamentadas em papéis sociais e culturais diferentes para homens e mulheres. Ou seja, uma intervenção pedagógica deve ter como objetivo na escola desenvolver uma sociabilidade que possibilite novas formas de interação pautadas na igualdade de direitos e na equidade de oportunidades.

Importante discussão e reflexão de Tânia Welter e Adriana Regina de Jesus Santos (2016), realizada durante o ENESEB 2015, sobre os rumos da Sociologia no ensino médio, versam sobre “Gênero e sexualidade: o que o ensino de Sociologia na educação

básica tem a ver com isso”, as autoras tratam de delicada questão sobre a violência contra as mulheres, da qual destaquei a seguinte afirmação:

Esta violação está correlacionada com a desigualdade entre homens e mulheres por meio de um processo gradual e coercitivo de coeducação social que insiste em modelos fixos de identidade e expressão de gênero considerando o masculino como superior ao feminino. Observou-se que existe uma desigualdade objetiva entre homens e mulheres, que se perpetua e é criada por uma desigualdade subjetiva muito bem arraigada em fundamentos epistemológicos, e que, por sua vez, fundamenta a continuidade da dominação de valores androcêntricos representados por homens (WELTER; SANTOS, 2016, p. 106).

Trata-se aqui de uma das questões mais delicadas relativas a gênero, pois estamos muito distantes de equacionarmos esse problema. A sociedade de modo geral, e principalmente neste cenário que estamos vivenciando, se comporta de maneira a não sinalizar na busca de soluções, muito pelo contrário, temos uma conjuntura onde a mulher está distante de ser no mínimo uma coadjuvante, o papel relegado às mulheres não passa de figuração. E quando algumas mulheres reivindicam melhores papéis, sofrem de terríveis processos de aviltamento e continuam sempre alijadas do protagonismo de suas vidas, seja no mundo privado ou público.

Não quero ser dramático, quero ser realista, pois os números estão corroborando meu discurso, violências de todos os tipos são noticiadas todos os dias. Diante deste quadro, é que as escolas enquanto espaços democráticos, através de profissionais comprometidos com a justiça social, devem se levantar contra governos tiranos, no sentido de não se calarem diante da opressão, e sim mostrar que nunca aceitaremos de forma tácita esta condição de subserviência e intimidação.

Quero lembrar também que o governo de Jair Bolsonaro está dando voz para uma horda de famigerados sectários de extrema direita, que acompanham essas ideias preconceituosas professadas, principalmente pelas redes sociais e que da mesma forma disseminam ódio contra qualquer pensamento divergente, não aceitando o diálogo como ferramenta e exercício da democracia. Novamente a escola pode e deve ter importante papel, como espaço de discussão e reflexão sobre a condição e o papel da mulher na conjuntura política atual.

Outra polêmica discussão trazida pelas autoras Tânia Welter e Adriana Regina de Jesus Santos (2016) foi a seguinte:

A retirada das temáticas de gênero e sexualidade do Plano Nacional da Educação do Brasil (PNE) para o decênio 2014-2024 gerou muita polêmica e repercutiu negativamente na elaboração e votação dos planos estaduais e municipais da educação em todo o país. Com o argumento conservador de que uma “ideologia de gênero” se imporia sobre estudantes estimulando-as à homossexualidade e destruindo a família tradicional (WELTER; SANTOS, 2016, p. 103).

Sem querer vilipendiar sobre o assunto, nem tampouco ser irônico, gostaria de ressaltar que é absurdo e estarrecedor esse argumento do estímulo a homossexualidade e a destruição de uma dita “família tradicional” como discurso normalmente utilizados por uma bancada de deputados conservadores para justificar seus interesses e posições pessoais. Devemos lembrar que essa retórica fere o princípio constitucional do estado laico e o direito republicano à informação, dentre outras questões relacionadas ao respeito aos direitos humanos.

Com relação à inserção da temática em outras diretrizes curriculares, é importante mencionar que no documento normativo Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não se encontra diretamente a questão de gênero, de sexualidade ou mesmo sobre a mulher. Em sua maioria, as informações estão diluídas em assuntos relativos à construção de uma sociedade mais justa, a conceitos éticos de respeito às diferenças e de combate a discriminações e preconceitos, tudo de forma genérica. Diretamente relacionado ao assunto, encontra-se a sugestão de itinerários formativos no formato de eventos e de núcleos de estudo, que diz o seguinte:

Desenvolver estudos e pesquisas, promover fóruns de debates sobre um determinado tema de interesse e disseminar conhecimentos por meio de eventos – seminários, palestras, encontros, colóquios -, publicações, campanhas etc. (juventudes, diversidades, sexualidade, mulher, juventude e trabalho etc.) (BNCC, 2018, p. 472).

A BNCC cita a temática diversidade de gênero apenas de forma pontual na introdução sobre a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, quando explica como podemos explorar diversos conhecimentos: “noções de temporalidade, espacialidade e diversidade (de gênero, religião, tradições étnicas etc.)” (BNCC, 2018, p.547). E, por último, se vê na parte dedicada às competências e habilidades, no trecho da competência específica 5: “estimulando o respeito às diferenças (culturais, religiosas, étnico-raciais etc.)” (BNCC, 2018, p.564), ou seja, gênero e a questão da mulher ficaram no “etc”.

Para melhor proficuidade e entendimento das relações de gênero, é importante conhecer referenciais teóricos que contribuem na construção de discursos mais conclusivos, evitando algum tipo de distorção ou parcialidade dos fatos.

No decorrer deste trabalho, realizei diálogo com autores e autoras considerados clássicos, e suas respectivas obras, que tem grande valor teórico para esta intervenção, dentre eles, Pierre Bourdieu em “A dominação masculina” (2010), versando sobre a representatividade do homem e as violências simbólicas incorporadas pelas instituições enquanto Estado, e a escola onde deveria ser o *locus* das lutas feministas funcionam como espaços de reprodução dessas violências. Outra autora que temos que trazer para esse diálogo é Simone de Beauvoir e sua obra “O segundo sexo” (1967), onde expõe o desenvolvimento da opressão masculina por meio da análise da história, da literatura e dos mitos, atribuindo os efeitos contemporâneos dessa opressão ao fato de ter-se estabelecido o masculino como norma positiva.

Importante discussão na atualidade é trazida por Judith Butler em sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003), onde a autora apresenta uma crítica contundente a um dos principais fundamentos do movimento feminista: a identidade. Para Butler, não é possível que exista apenas uma identidade: ela deveria ser pensada no plural, e não no singular. Importante ressaltar também as reflexões de Angela Davis em sua obra “Mulheres, raça e classe” (2016), neste livro a autora apresenta uma análise histórica do feminismo negro norte-americano e das movimentações políticas dos anos 60 e 70 protagonizadas pelo movimento conhecido por “Panteras negras”.

Nessa perspectiva temos uma intelectual brasileira, Lélia Gonzáles, infelizmente pouco lida e pouco conhecida, mas de grande importância para discutirmos o pensamento social brasileiro, o protagonismo da população negra, particularmente das mulheres negras, na formação social-cultural do país. Lélia é considerada pela sua ação intelectual e militância política uma feminista interseccional e decolonial, fundadora do movimento negro unificado.

Atualmente, no Brasil, quem desenvolve a discussão sobre feminismo negro é a filósofa Djamila Ribeiro com importante obra “Lugar de Fala” (2017). Outra feminista da atualidade que também merece destaque pelo seu trabalho é a nigeriana Chimamanda

Ngozi Adichie, já mencionada nesta seção, representante africana do feminismo afirmou em uma palestra que se tornou livro: “Sejamos todos feministas” (2018).

## **2.2 Desafios didáticos e pedagógicos para o ensino de Sociologia no ensino médio**

A palavra “desafio” soa como estimulante que nos faz pensar nas estratégias que podemos criar ou adaptar para nossa realidade educacional e pedagógica, ou seja, os desafios didáticos e pedagógicos devem ser o efervescente para atuarmos no ensino de jovens. Entretanto, devemos lembrar um dos maiores entraves ou gargalos na relação ensino/aprendizagem, a temível repetição. Esta traz uma monotonia para a sala de aula e conseqüentemente dificuldades de interação entre professores, alunos, conhecimento e aprendizagem.

Estamos envoltos em um paradoxo, ou será uma ambigüidade que dificulta a compreensão e os efeitos pedagógicos de nossa atuação como formadores de opinião, dessa forma, um dos primeiros e grandes desafios que devemos refletir no processo educacional é o problema da repetição. Repetir as mesmas atividades em sala de aula durante anos podem causar danos profundos na capacidade crítica/reflexiva que os jovens, ao contrário, devem ser estimulados a desenvolverem. Neste sentido, o projeto de intervenção se mostra como possível alternativa para quebrarmos o ciclo ou vício da repetição em sala de aula. Sobre este assunto, o educador Nelson Piletti (2007), em seu livro *Sociologia da Educação*, destaca que:

A repetição constante tolhe a criatividade, inibe o espírito de iniciativa, desestimula a crítica, embota a inteligência. O hábito opõe-se à inteligência, dificultando seu desabrochar. O comportamento habitual é sempre o mesmo, repetido. O comportamento inteligente é sempre novo, criativo, procurando adaptar-se de maneira sempre mais eficaz às nossas situações (PILETTI, 2007, p. 142).

O hábito é uma “faca de dois gumes”, pode ter um lado positivo e outro negativo, não sei se essa seria a expressão mais adequada, porém é ela que me faz pensar o seguinte: temos que ter hábitos saudáveis que possam melhorar nossa qualidade de vida, lado positivo, entretanto, uma frequência constante e repetitiva de alguns hábitos pedagógicos, principalmente na escola, pode ser extremamente maléfica, lado negativo.

O próprio autor conclui que “aos que querem manter a ordem vigente, fundada em privilégios, interessa estabelecer o hábito, não desenvolver a inteligência” (PILETTI, 2007). Essa reflexão é fundamental para compreendermos como nossos jovens chegam

ao ensino médio com vários hábitos enraizados e naturalizados pelo sistema escolar, eis um dos nossos maiores desafios, criar estratégias pedagógicas para desnaturalizar o que foi inculcido nos jovens como normal, como natural. Iremos travar uma luta constante contra o sistema se desejarmos mudanças comportamentais para construção de uma sociedade pautada em valores de justiça, ética e criticidade.

Neste sentido, não podemos deixar de trazer à tona uma percepção do autor quando o mesmo discute o papel da escola, ou de como a escola, em grande parte se situa na discussão sobre a construção individual de um ser social, emancipado e autônomo, ou seja, como a educação prepara ou, na verdade, pode despreparar o indivíduo do meio em que ele deve estar inserido e que deveria intervir diretamente ou mesmo indiretamente. O texto em questão retrata que:

O indivíduo será tanto mais educado quanto mais alienado dos problemas reais, do dia-a-dia. Ao invés de preparar-se para intervir na comunidade, tentando contribuir para a superação dos problemas, parece que o aluno é levado a afastar-se desses problemas, a convencer-se de que nada pode fazer, a alienar-se, a deixar como está para ver como fica (PILETTI, 2007, p.143).

Concluindo essa discussão, posso citar estruturalmente o que ou como é a escola, “mais parecem reformatórios e/ou prisões, sempre dispostas a punir os infratores”, cerceando as inteligências e desestimulando o pensar de forma crítica e reflexiva. Quais são as intenções das instituições de ensino? Obviamente sem generalizações, mas uma boa parte do sistema está engessado e isso reverbera-se no *modus operandi* de boa parte dos professores/as.

Outro grande desafio diz respeito ao professor/a como educador/a, quem seria este/a profissional? Quais seriam seus anseios e objetivos? Que referências o/a mesmo/a carrega para sua sala de aula? Independentemente de seu capital cultural, ele/a deve construir, planejar e sistematizar suas metodologias. O antropólogo especializado em temas educacionais Rodrigo Rosistolato (2012) coloca como tarefa difícil essa de ser professor/a, porém muito nobre, o mesmo ao escrever sobre o espaço escolar cita que:

Ser professor de Sociologia é, antes de tudo, viver em um espaço de disputa e desfrutar dos dilemas e das certezas presentes em qualquer relação pedagógica. A sala de aula é o lugar de encontro entre, no mínimo, duas gerações, várias crenças e diversos pontos de vista (ROSISTOLATO, 2012, p. 9).

Complementando essas ponderações, o próprio autor se refere à sala de aula como sendo um lugar onde as relações sociais se dariam em sentido estrito, entremeados por conflitos, consensos, disputas, projetos e estratégias (ROSISTOLATO, 2012). Como ser

tão diplomático em uma situação dessas vivenciadas pelos profissionais da educação, são inevitáveis as polêmicas, as críticas e querelas de todos os tipos, ainda mais agora no cenário de polarização, o sistema de doutrinação ideológica fundamentalista, não deixa espaço para o contraditório, tornando as relações pedagógicas muito mais desafiadoras e perigosas também.

Não se trata de querer agradar a todos os gostos e ideologias, isto é impossível de se conseguir, embora, o espaço escolar deve ser lugar de convivência e respeito às diferenças. Esta relação desafiadora professor (a) /aluno (a) parece, em muitos casos, permeada pela desconfiança, onde os jovens dispõem de variadas fontes de informação, porém, sentem extrema dificuldade para analisar as informações de forma imparcial.

É também desafiadora a formação do/a profissional, ou seja, muitas vezes as próprias universidades dicotomizam a atividade do professor/a em pesquisador ou educador. Ou se dedica a pesquisa, ou se dedica ao ensino. Seria importante situarmos esta discussão para refletir com maior profundidade e clareza, embora, particularmente não me sinta confortável com o assunto, pois me falta denso referencial teórico sobre esta temática, por outro lado, não posso deixá-la de fora das discussões, mas sem a necessidade de aprofundamento, pois não é foco da pesquisa.

Em que sentido podemos realizar as reflexões sobre tal dicotomia na formação universitária do educador? No sentido da importância do professor, principalmente no nosso caso, por conta dos objetivos do nosso trabalho, saber lidar com projetos de pesquisa dentro do espaço escolar. É neste sentido que o livro: “A Sociologia em sala de Aula”, realiza com vários participantes um compilado sobre o ensino e suas práticas, podendo destacar para me apoiar nessa reflexão, à seguinte citação:

O desafio contemporâneo colocado para aqueles que se dedicam à pesquisa sociológica em educação, está na necessidade de aproximação das metodologias e construção de projetos que permitam o diálogo entre as dimensões micro e macro da pesquisa educacional (ROSISTOLATO, 2012, p. 24).

No nosso caso em particular, o mais importante seria que o educador(a)/professor(a), deverá ou poderá dominar as técnicas da pesquisa, e ter plenas condições nas suas metodologias de instrumentalizar seus educandos, para os mesmos compreenderem, que as Ciências Sociais são disciplinas de caráter verdadeiramente científico, e não somente composta por debates, opiniões e “achismos”, que costumam

normalmente rotular-nos, criando-se estereótipos para classificar-nos em um grau de cientificidade inferior na comparação as outras ciências, em especial, aquelas que não compõem a área das Ciências Humanas.

Embora saibamos que não temos nenhuma ou quase nada de condições para desenvolvermos na escola a pesquisa sociológica, pois a realidade escolar e a posição que a nossa área ocupa no sistema educacional nos impedem de realizarmos atividades de pesquisa científica, cada professor, obviamente, vai dispor do que a escola e ele próprio podem oferecer para este tipo de atividade, mas sejamos razoáveis com todos os professores/as que não dispõem nem de estruturas físicas e, muito menos, de preparação para lidar com pesquisas ou projetos de qualquer natureza na escola.

Nesta seção do trabalho, dou destaque e enfoque também para algumas dificuldades que se colocam e nos aparecem como desafios a serem superados, neste caso agora seria discutir a prática de ensino de Sociologia e alguns possíveis objetivos a serem alcançados como resultados dessas ações. Nossas práticas pedagógicas devem estar em concordância com os objetivos reais e metas almejadas tanto pelo/a professor/a quanto pela escola como instituição educacional mediadora dessas relações, é interessante destacar as ponderações de Flávio Sarandy (2012) quando o mesmo afirma que:

Se a educação pode ser também um processo emancipador é porque permite a ação deliberada a partir da capacidade de produzir sentidos, compreensão e explicações sobre a realidade humana e social (SARANDY, 2012, p. 28).

Pelo menos devemos ter como foco construir e formar pessoas emancipadas que conseguem compreender a realidade na qual estão inseridas, e agir de maneira autônoma em suas tomadas de decisões. Por isso que as práticas pedagógicas são fundamentais para produzir pessoas e indivíduos capacitados a lidarem com todos os tipos de dificuldades que porventura venham a vivenciar. E como já foi posto anteriormente, não trato aqui de oferecer uma receita de bolo, mas sim capacitar professores/as para compreenderem que cada caso, dentro das relações ensino/aprendizagem, deve ser tratado de forma adequada à situação em que se encontram todos os atores envolvidos.

Nesse contexto, faço algumas considerações que podem soar como críticas, mas que na verdade dizem respeito ao papel que ocupa a Sociologia e as Ciências Humanas no universo escolar e na sociedade como um todo, difícil mensurar, mas o senso comum imputa responsabilidades que o ensino sociológico não pode arcar sozinho, neste sentido

destaquei uma discussão no livro “Conhecimento e imaginação: sociologia para o ensino médio”, quando é colocado que:

O que se espera, hoje, da Sociologia vai além de suas possibilidades. Por um lado, se exige dela a solução dos problemas das sociedades e, por outro, que mostre como formar e educar para a cidadania a fim de garantir a unidade e a harmonia (BARBOSA; QUINTANEIRO; RIVERO, 2012, p. 40).

Não podemos, é claro, nos eximir das nossas responsabilidades, mas sozinhos nessa luta seremos massacrados, pois os problemas enfrentados pela sociedade são de responsabilidades do coletivo, não podemos ser arremessados na “cova dos leões” e nem sermos colocados na linha de frente quando a sociedade quer encontrar culpados para o mau gerenciamento dos problemas sociais. Isso se reflete muito em períodos de greve e manifestações, sempre apontam para os professores/as de humanas como sendo os responsáveis de estarem à frente dessas decisões e enfrentamentos.

Novamente repito, não devemos nos eximir, mas não somos salvadores da pátria, fazemos parte de um coletivo e as decisões devem ser compromisso de todos, assim como em outras tarefas, como, por exemplo, ensinar a ler e escrever, alfabetizar, educar para a cidadania, etc. Isso não é somente tarefa das linguagens ou humanas, embora possam estar à frente encabeçando as deliberações, a tarefa é de todos, escola/professores (as) /família/comunidade.

Ao lermos atentamente o documento referente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com relação aos seus fundamentos pedagógicos contém uma discussão sobre o compromisso com a educação integral relacionado à educação básica, o documento traz como conceito deste formato de educação um compromisso que se refere:

À construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas e seu potencial de criar formas de existir (BNCC, 2018, p. 14).

Os documentos que nos servem como referenciais são desafiadores nas suas normas, primeiro pela dificuldade estrutural de criação e/ou para ampliação do ensino integral em nosso país, embora tenhamos experiências bem-sucedidas no estado do Ceará, será que o Brasil tem condições materiais para estruturação e implantação de um ensino integral de qualidade? Vale lembrar que no Estado do Ceará a experiência diz respeito ao

ensino médio, quando deveríamos na verdade ter maiores investimento para o ensino fundamental, sem precisar “tirar de um santo e descobrir outros”, como podemos perceber em algumas atitudes governamentais com relação ao ensino superior.

No entanto, todos esses desafios me remetem a outra questão fundamental dentro do processo ensino/aprendizagem, as relações de confiança entre as partes envolvidas, pois se a gestão e principalmente os jovens não confiarem nos resultados do trabalho do professor, como iremos conseguir desenvolvê-lo? É importante lembrar que sem um vínculo forte de confiança entre professor (as) /alunos (as) /família e gestão, dificilmente acontecerá aprendizado satisfatório. Lembrei das discussões realizadas por Anthony Giddens em seu livro “As consequências da Modernidade” (1991), quando o mesmo coloca a importância da confiança nas relações dos mecanismos de desençaixe, onde tanto as fichas simbólicas como os sistemas peritos, nos mostram que “a confiança, em suma, é uma forma de fé na qual a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva” (GIDDENS, 1991, p. 29).

Na leitura desta obra, o autor realiza aprofundada discussão, porém, faz também uma conceituação que aparece como sendo a principal definição de confiança, ou seja, a confiança pode ser definida como uma “crença ou crédito em alguma qualidade ou atributo de uma pessoa ou coisa, ou a verdade de uma afirmação” (GIDDENS, 1991), esta relação de confiança é uma questão de “fé”, de crença no outro. Como desenvolver o conhecimento formativo cognitivo se uma das partes está sempre desconfiada das informações que estão sendo discutidas, principalmente na era das “*fake news*”.

Lembrei-me de algumas situações que podem ser relatadas para exemplificar o assunto, uma diz respeito ao renomado historiador Leandro Karnal que, em uma palestra, em formato de entrevista, relatou que estava dando uma aula sobre revolução francesa e percebeu que os alunos somente concordavam com seus posicionamentos após conferirem os assuntos no celular. Outra situação aconteceu quando eu estava na escola em uma aula sobre violência contra mulher e fui questionado sobre os dados que foram por mim apresentados, nada contra, devemos sempre ter este espírito questionador, e estimular isso em nossos/as alunos/as, entretanto, quando participei de uma palestra na UFC sobre a Anistia e a Comissão da Verdade, nunca me passou pela cabeça desconfiar das informações e dos dados apresentados pelos/as oradores/as. Levei em conta a

confiança nos professores/as que se apresentaram e na própria universidade como instituição que tem um nome a zelar; eu fiquei meio desconcertado com a desconfiança de alguns alunos/as sobre as informações que repassei, mas respondi da seguinte maneira: usem a internet para verificarem, e sugeri alguns sites.

Vivemos hoje em mundo midiático rodeado de informações, sendo muitas delas de procedência duvidosa, isso fomenta em nossas consciências o espectro da desconfiança, já não nos basta o espectro do medo, agora todos estamos sujeitos aos dissimulados criadores das notícias “*fakes*”, lembremos o quanto isso é perigoso para a sociedade, temos um presidente fruto deste tipo de situação, e que o governo está sendo investigado pela criação do “gabinete do ódio”, é um quartel disseminador de informações falsas e distorcidas. Esses fatos recrudescem nossa importância e nossa luta.

Não obstante, nessa discussão é preciso, como em tudo que diz respeito a uma educação de qualidade, pontuar algumas críticas. Por exemplo, no contexto deste debate gostaria de destacar uma reflexão de Juarez Dayrell (2007) sobre a socialização juvenil, onde na introdução encontra-se o seguinte relato:

Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretensão individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros objetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade do diploma (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Sem querer generalizar, pode ser que na cabeça dos jovens este discurso ressoe como verdade, eu particularmente sem hipocrisias sou também fruto dessa escola que só me oferecia de benesse o fato de no fim do curso estar com o diploma ou certificado, fora isso, o que se tem de estimulante são as amizades, namoros, drogas e outras atividades que de longe caracterizam o que deveria ser uma instituição escolar e seus objetivos pedagógicos.

Nessa mesma vertente das discussões, o autor relata que: “a escola, por si só, não consegue responder aos desafios da inserção social dos jovens, tendo poder limitado na superação das desigualdades sociais e nos processos de emancipação social” (DAYRELL, 2007). Essas palavras somente corroboram o que foi dito anteriormente, e novamente fazemos os seguintes questionamentos: Qual o papel da escola? Qual sua real função? Que lugar a mesma ocupa no processo de socialização das juventudes? Então, se

desejamos mudanças significativas urge ressignificar-mos os motivos de ser da instituição escolar. Outrossim, sobre este assunto que envolve diretamente as relações pedagógicas estabelecidas com as juventudes, a sociedade deve compreender as necessidades juvenis, e a escola nesse contexto, por vezes, acaba por ser uma promessa distante de possibilidades de desenvolvimento das sociabilidades dos jovens e de longe é a única envolvida nesses processos de socialização, isso implica que devemos:

Reconhecer que a dimensão educativa não se reduz à escola, nem que as propostas educativas para os jovens tenham que acontecer dominadas pela lógica escolar. Implica investir em políticas que considerem a cidade na sua dimensão educativa, garantindo o direito de ir-e-vir, até mesmo nas noites dos finais de semana, o acesso a equipamentos de cultura e de lazer, mas, principalmente, transformando o espaço público em espaços de encontro, de estímulo e de ampliação das potencialidades humanas dos jovens, e possibilitando, de fato, uma cidadania juvenil (DAYRELL, 2007, p. 1125).

E como diz o autor no texto acima, garantir o direito de ir-e-vir “até mesmo nas noites dos finais de semana”, temos que refazer esta parte para acrescentarmos, “e principalmente nos finais de semana”, propiciando ambientes seguros para que tudo que foi discutido no ambiente escolar possa ter uma ampla extensão pedagógica. Os tempos mudaram, as juventudes também mudaram, temos que acompanhar essas mudanças, sem espaços saudáveis e seguros de convivência abre-se espaços para o submundo do crime, e esses jovens correm o risco de serem adotados pelas facções.

Enfim, precisamos abrir os olhos para o momento em que vivemos, devemos acompanhar as mudanças e preparar as próximas gerações para vindouro futuro, e isso significa reconhecer que as estruturas das escolas ruíram, em todos os sentidos, físicos e humanos, então toda sociedade deve se questionar e repensar seus ideais de educação. É nessa perspectiva que Juarez Dayrell levanta outro importante questionamento sobre o sistema escolar, enfatizando que:

A escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempo e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez, de individualização crescente e de identidades plurais (DAYRELL, 2007, p. 1125).

É na perspectiva de mudanças e transformações visando um futuro melhor, para uma sociedade mais justa e mais igualitária, que a instituição escola deve rever seus conceitos sobre educação e conhecimento, igualmente, professores/as também devem olhar para os jovens de forma mais equânime, descer do pedestal da vaidade e entender

que não é mais a autoridade do saber e da moral, deve calçar “as sandálias da humildade” recomeçar tudo de novo. São novos tempos que urgem mudanças adequadas às condições sociais, culturais, políticas e econômicas, nesse ínterim novas formas de socialização e interações sociais devem emergir para o universo escolar.

### **2.3 Reflexões sobre métodos e práticas pedagógicas no ensino de Sociologia**

Como ou quais ferramentas podemos utilizar para compreender as práticas e metodologias que direcionam o ensino da Sociologia, principalmente, no ensino médio, que é um dos focos deste projeto enquanto intervenção pedagógica. Que objetivos e que resultados pretendemos com esta análise? Temos que refletir o seguinte: se nossa discussão versa sobre métodos e práticas de ensino de Sociologia visando o ensino médio, na outra ponta da discussão se encontram educação, escola e comunidade, podemos, a partir daí afirmar que:

Nenhuma escola se localiza fora de uma comunidade, refletir e pensar sobre as condições dessa comunidade é uma das responsabilidades da escola. Somente assim ela estará preparando os alunos para conhecerem a realidade em que vivem e participarem ativamente em sua transformação. (PILLETI, 2007, p.32).

Em nossa sociedade, a educação, desde sua sistematização e, principalmente, nas atuais configurações, sempre terá lugar de destaque, sempre também será alvo de críticas e de mau uso ideológico, porém nunca devemos generalizar nem subestimar sua função social.

A educação sempre terá, em nossa sociedade, papel crucial na formação do indivíduo como ser autônomo e emancipado, afinal, todas as sociedades desenvolvem sistemas de ensino, para que possam de certa forma, perpetuar-se no poder ou preparar mão de obra para movimentar seus sistemas sociais. Todavia, por outro lado, as escolas também cumprem um papel não somente de preparar para o mercado de trabalho, mas preparar para o pleno exercício da cidadania. E é nesta última questão que posso citar uma discussão sobre a Sociologia no ensino médio onde os autores Carniel e Ruggi (2012) situam-se da seguinte forma:

Pretendemos oferecer algumas possibilidades metodológicas para abrir as ciências sociais aos alunos da educação básica, deixando-os mergulhar no saber sociológico e experimentar a construção deste discurso para, quem sabe, começar a imaginar sociologicamente a própria Sociologia. (CARNIEL; RUGGI, 2012, p. 73).

Essas discussões trazidas pelos autores sobre a Sociologia no ensino médio, remete-nos a pensar nas possibilidades metodológicas e práticas possíveis para o seu ensino e como essas práticas podem fomentar a imaginação sociológica dos discentes. Nesse mesmo contexto da discussão pensemos da seguinte forma, ou vamos refletir o seguinte: O que podemos trabalhar? Como devemos trabalhar? Por que trabalhar de uma forma e não dessa outra? Veja quantos questionamentos que ainda estão por vir. Neste sentido observa-se que:

Tenha em mente sempre que o ensino de Sociologia na escola média deve ser pautado não somente pela definição de conteúdos a serem aprendidos pelos alunos, mas também pela construção sistemática das estratégias e recortes metodológicos, e dos recursos didáticos necessários ao alcance dos objetivos propostos para cada aula. (SARANDY, 2012, p. 53).

São questões destinadas a refletirmos sobre o que, e como devemos propor, de forma unificada, ou de acordo com as realidades de cada professor/a, trabalhar no ensino médio. Algumas situações importantes que devemos ter em mente, o cuidado com os conteúdos e, principalmente, com quais metodologias e/ou recursos didáticos devemos instrumentalizar as aulas para realmente alcançarmos nossos objetivos.

Dentro dessa perspectiva, Flávio Sarandy cita a filósofa Marilena Chauí quando a mesma relata que:

O ensino de Ciências Sociais deve permitir aos alunos a construção de uma percepção e modo de raciocínio que interprete os fenômenos sociais de modo adequado e facilite a leitura e a compreensão crítica dos textos produzidos pelos cientistas sociais (CHAUÍ, 1997 *apud* SARANDY, 2012).

Não resta dúvida da importância de despertarmos em nossos educandos as capacidades e habilidades para interpretar os fenômenos sociais adequadamente utilizando-se de uma imaginação sociológica misturada à compreensão crítica e reflexiva dos cientistas sociais. Talvez as reflexões de Marilena Chauí possam ser consideradas o ápice para os educadores, o objetivo a ser perseguido.

Em outro texto de Flávio Sarandy, escrito em parceria com Andrea Osório (2012), os autores reforçam essas situações acrescentando:

O conhecimento sociológico certamente beneficiará nosso educando na medida em que lhe permitirá uma análise mais acurada da realidade que o cerca e na qual está inserido. Mais que isto, a Sociologia constitui contribuição decisiva para a formação da pessoa humana, já que nega o individualismo e demonstra claramente nossa dependência em relação ao todo, isto é, à sociedade na qual estamos inseridos (OSÓRIO; SARANDY, 2012 p. 151).

Esta citação fortalece os discursos e reflexões anteriores, e é o que todos/as ou boa parte que pertencem ao universo pedagógico das humanas almejam. Isto é, queremos instrumentalizar nossos jovens para que possam lidar com os percalços e os infortúnios que a vida em sociedade possa lhes proporcionar.

Todavia, será que a escola e a educação, em termos gerais de formação, estariam realmente preocupadas com mudanças e transformações sociais? Ou será que as mesmas seriam apenas aparelhagem ideológica do Estado para controlar, alienar e manter-se no poder? Rodrigo Rosistolato (2012) faz uma crítica às expectativas positivas que estão relacionadas à educação apontando que:

Se a escola é uma instituição reprodutora da ideologia capitalista e existem críticas profundas ao sistema capitalista, apresentado como desigual e injusto, logo a escola também é desigual e injusta e deveria ser combatida para que a superação do sistema capitalista fosse possível (ROSISTOLATO, 2012, p. 16).

Será que a escola representa liberdade, emancipação, formação e construção de indivíduos conscientes dos papéis que devem exercer como cidadãos? E o papel do/a professor/a de Sociologia, nesse contexto, é de construir ou de desconstruir? E mais, o que podemos esperar da Sociologia enquanto disciplina formadora de consciências e de opinião? Como formar pessoas conscientes para que possam, dentro de seus limites, contribuir com suas comunidades, com a sociedade, com eles mesmos, mudando atitudes e procurando intervir produtivamente no seu crescimento e no crescimento da região ou local do qual fazem parte? Lembremos que uma educação para a liberdade é fator primordial para que a escola possa melhor intervir diretamente no processo de transformação social. Nesse contexto pode-se afirmar:

O indivíduo educado para ser livre é aquele capaz de analisar criticamente uma situação e, a partir dessa análise, tomar a decisão que achar mais viável diante dela: poderá concluir que a situação é mais adequada e, por isso, lutar para mantê-la; mas poderá também julgar que a situação deve ser modificada e contribuir para a mudança (PILETTI, 2007, p. 158).

Talvez seja este um dos principais objetivos do ensino de Sociologia, pois é isso que almejamos dos nossos educandos, que todos os nossos esforços possam reverberar-se em decisões apropriadas e posicionamentos que refletem a importância do coletivo para o bem social.

São essas questões, até então discutidas, que nos dão as dimensões da importância das metodologias e práticas pedagógicas para um melhor rendimento dos discentes no ensino médio, é onde temos que nos ater para alcançarmos nossos objetivos. E quais

seriam esses objetivos? Seriam objetivos da disciplina, seriam apenas objetivos da instituição, ou seriam objetivos tácitos de uma sociedade capenga, que precisa direcionar-se para seu autoconhecimento?

Os objetivos nunca devem ser meus ou nossos nesta relação ensino/aprendizagem, temos que direcionar nossas intenções ou pretensões com os objetivos gerais da sociedade, sabemos o quão difícil seria hierarquizar o que devemos trabalhar e como devemos trabalhar.

A questão que devemos nos ater são as metodologias que o profissional da educação poderá utilizar para chegar aos objetivos, entenda-se aqui que não se trata de municiar os professores com métodos e práticas, embora isso tenha sua importância, trata-se de despertar a sensibilidade do/a educador/a para adequar suas metodologias e práticas de comum acordo com as situações vivenciadas em sala de aula, o/a professor/a deve estar “antenado” com os objetivos da sociedade, da comunidade e dos jovens, articulando e dialogando com suas percepções, pois, são os objetivos finais suscitados pelo ensino da disciplina de Sociologia que irão definir e/ou direcionar nossas práticas.

Outra importante discussão que é realizada por Juarez Dayrell em um artigo intitulado A escola faz as juventudes, quando o mesmo cita outros autores, evidenciando:

Na sociedade contemporânea, os atores sociais não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições, nem a sua identidade é construída apenas nos marcos das categorias do sistema. Significa dizer que eles estão expostos a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes, sendo produtos de múltiplos processos de socialização (DAYRELL, 2007, P. 1114).

Quanto maior diversidade dos espaços de socialização, a qual os jovens estão submetidos, maiores serão as formas metodológicas para lidarmos com o ensino e aprendizagem desses jovens, a cada lugar de desenvolvimento de suas sociabilidades, maior a diversidade de métodos que professores devam se apropriar, e é claro que o professor/educador deve compreender a realidade social e diversas socializações que fazem parte do universo de nossa juventude.

Em se tratando da relação ensino-aprendizagem, é interessante ressaltar quando Rodrigo Rosistolato realiza a seguinte reflexão sobre o espaço escolar, enfatizando:

Desde os clássicos, a Sociologia foi pensada com o objetivo de analisar as representações do senso comum e relativizá-las. Portanto, descrever as

concepções da realidade contidas nas representações sociais e analisá-las é o motivo principal da existência da disciplina (ROSISTOLATO, 2012, p. 10-11).

Particularmente, pela falta de aprofundamento e mesmo pela minha discordância, não poderia afirmar com certeza, como diz o autor, se seria realmente o principal motivo da disciplina o que foi explicitado no excerto acima, porém, acredito que as palavras do autor, podem ser um dos motivos que permeiam e impulsionam muitas práticas e métodos de ensino nas Ciências Sociais.

Para enriquecimento desta reflexão, o trabalho de Flávio Sarandy sobre temas, conteúdos e conceitos no ensino da Sociologia merece destaque. O autor realiza a seguinte citação sobre essa temática:

Temas, conceitos e teorias devem ser compreendidos como recortes que se referenciam mutuamente, a partir dos quais o ensino da disciplina deve ser organizado, e devem ser tomados tanto como conteúdos disciplinares, logo, objetos do ensino da Sociologia no Ensino Médio, quanto como meio para o alcance dos objetivos da disciplina; objetivos que, por sua vez, estão relacionados às mudanças cognitivas expressas nos termos: “estranhamento”, “desnaturalização”, “imaginação” e “percepção sociologia” (SARANDY, 2012, p. 30).

Estas colocações caracterizam-se como grandes desafios do ensino de Sociologia, porém, o foco seria compreender esta reflexão como estimuladora das percepções sociológicas que devem promover a articulação de como as práticas desenvolvidas pelos professores de Ciências Sociais, intencionando alcançarem objetivos importantes para que este ensino faça sentido e promova diferenças substanciais na vida dos jovens no ensino médio, podem dialogar com as teorias a serem trabalhadas no âmbito escolar.

Ou seja, utilizar-se do trabalho em sala de aula com conteúdos, temáticas e construção de conceitos, podem engendrar mudanças substanciais no cognitivo dos discentes. Mudanças estas em relação às formas que os mesmos enxergam o mundo, isto deve começar com o estranhamento a tudo que pode ser chamado de “normal”, ou que tenha sido naturalizado pelos jovens como visões de mundo e verdades inquestionáveis, a partir desse contexto desenvolver e estimular a percepção e a imaginação sociológica.

Concluo esta seção considerando que os aportes teóricos e/ou práticos do ensino de Sociologia para o ensino médio, podem municiar professores/as para que os/as mesmos/as encontrem possibilidades pedagógicas para desenvolverem suas potencialidades e contribuïrem na construção e formação de seres sociais emancipados e

autônomos em suas tomadas de decisões ao exercerem sua plena cidadania, ou ao se defrontarem com as adversidades do mundo, possam ser capazes de tomar decisões que possibilitem resolverem prontamente seja qual for a situação, utilizando-se de suas percepções de mundo para engendrar um convívio justo na sociedade da qual fazem parte.

#### **2.4 O ensino de Sociologia metamorfoseando a vida dos jovens: em busca de um lugar ao sol.**

A disciplina de Sociologia tem sentido e é de fundamental importância para nossas vidas, ela pode ser um exercício agradável e gostoso de estudar e de se praticar, tendo como principais características, provocar mudanças e transformações na forma de compreendermos a vida em sociedade.

A partir do momento que consigo ter sensibilidade para perceber além do senso comum, estou passando por metamorfoses na forma de entender o mundo e as suas nuances, conseqüentemente o conhecimento me transformou como pessoa, como ser e como cidadão. Porém, para que as mudanças aconteçam é preciso que o ensino de Sociologia, tendo como mediador a pessoa do/a professor/a, também como estimulador que desperte na juventude o gosto e o entendimento da importância das Ciências Sociais, possa demonstrar o que a Sociologia pode oferecer enquanto ciência da realidade social.

Carniel e Ruggi (2012) realizam uma discussão que coloca como ponto fundamental e crucial elevar a percepção dos jovens da mentalidade de senso comum para um discurso mais científico, pois, segundo os autores:

Apenas desse modo cremos, será possível que nossos estudantes se sintam parte da constituição do saber sociológico, que o imaginem sociologicamente, reconhecendo a existência de diversos olhares sobre as questões sociais e, sobretudo, percebendo que a interpretação do nosso mundo não é uma tarefa exclusiva de alguns poucos “ilustrados”, mas uma atividade permanente de todos nós (CARNIEL; RUGGI, 2012, p. 77).

Isso se torna um grande desafio, como conseguir fomentar, a partir do ensino da disciplina sociológica, a consciência da juventude de que a Sociologia é uma ciência que pode contribuir para sua formação pessoal, social e coletiva. E que ela está intrinsecamente ligada às nossas vidas. Como despertar esse gigante que jaz adormecido no âmago de nossas incongruências. O desabrochar da juventude para uma imaginação sociológica para além dos ditames do senso comum, vão depender dos métodos e práticas

de ensino adequadas a cada situação, lembre-se que para cada paciente uma dosagem, e um tipo de medicamento diferente.

Nesse contexto, encontrei uma reflexão sobre metodologia de ensino em Ciências Sociais realizada por Amaury Cesar Morais e Elisabeth da Fonseca Guimarães (2010) que nos reportam o seguinte debate sobre saber científico e senso comum:

Uma das respostas a esse questionamento está na postura inicial de atuação das Ciências Sociais, que supõe a superação do senso comum em direção a uma análise científica da sociedade. É o estranhamento de situações já consagradas como óbvias, familiares, naturais que caracteriza e confere especificidades às Ciências Sociais (MORAES; GUIMARÃES, 2010, p. 47).

Acredito que fica muito bem delineado que as mudanças e transformações nas nossas mentalidades começam a clarear quando conseguimos superar o senso comum, recheado de generalizações e estereótipos, para um conhecimento pautado pela Ciência e permeado por lógica e coerência nas suas sistematizações das informações e dados que conduzam aos caminhos do saber e/ou da construção do conhecimento.

Importante enfatizar que um ensino enciclopédico, de formação bancária ou apenas que colocam os jovens como receptáculo de informações, além de estar completamente ultrapassado, somente demonstra o quão difícil e custoso pode ser fomentar a criticidade, isso nos mostra que, o sistema educacional engessado em suas práticas e métodos deve mudar.

Todavia, isso não é motivo de desespero e nem de ressentimentos, vamos lutar com nossas armas, não tem jeito, “*é o se vira nos trinta*”, os objetivos estão delineados, agora resta-nos desenvolver estratégias de combate. A educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano e nunca vamos nos imiscuir desta responsabilidade.

Entendo que o ensino-aprendizagem, é uma relação por vezes conflituosa, mas como um casamento também se pode gerar ótimos frutos, ou não, o fato é que quando engrenado os resultados são positivos, agora as coisas não acontecem da noite para o dia, não é milagroso como transformar água em vinho, é um procedimento lento, tortuoso e gradual.

Em um artigo sobre “Trabalho e Escola: a flexibilização do ensino médio”, Kuenzer (2017) faz importante reflexão sobre a concepção de práxis, como atividade teórica e prática, que transforma a sociedade. Neste sentido afirma que:

A prática, contudo, não fala por si mesma; os fatos, ou fenômenos, têm de ser identificados, contados, interpretados, já que a realidade não se deixa revelar por meio da observação imediata; é preciso ver para além das aparências, que mostram apenas os fatos superficiais, aparentes, que ainda não se constituem em conhecimento (KUENZER, 2017, p. 343).

Para se chegar às verdades, para se conhecer as coisas, é preciso ir além das aparências, já dizia o velho adágio popular “*as aparências enganam*”, ou seja, o ato de conhecer necessita de vasto acompanhamento teórico, intelectual, e empírico, é esse jogo de forças dialéticas que transforma quem com ele se envolve e o meio que está envolvido. É preciso que as ideias se transformem em ações (KUENZER, 2017).

E para instigar o debate é preciso refletir sobre as questões que envolvem a Sociologia e as Ciências Humanas, um aporte do livro: “Conhecimento e imaginação: Sociologia para o ensino médio”, ressalta que, “o que acontece com a Sociologia é que ela não conseguiu se afirmar como uma ciência reconhecida, seja pelos cidadãos, seja pelos pares cientistas”. (BARBOSA; QUINTANEIRO; RIVERO, 2012, p. 51).

Essa afirmação, segundo as autoras, começa quando um sociólogo importante, elas não citam nome, afirma que jamais seria possível existir um prêmio Nobel de Sociologia, e por quais motivos isso não ocorreria, “porque a sociologia trata de problemas que qualquer cidadão, por mais comum que seja, seria capaz de analisar” (BARBOSA; QUINTANEIRO; RIVERO, 2012). Obviamente que não com a mesma proficiência de um especialista, pois um cientista social tem maior profundidade nas suas pesquisas e pode dar respostas mais seguras e embasadas sobre assuntos de sua alçada.

Vejamos da seguinte maneira, o prédio das Ciências Sociais da UFC no Benfica ao lado da Reitoria, qualquer funcionário de qualquer setor, seja professor/a ou aluno/a, ou um frequentador qualquer, percebe que o edifício é antigo e necessita urgentemente de reformas para evitar problemas de ordem maior como algum tipo de acidente por exemplo. Pois bem, essas considerações vindas de um profissional específico, engenheiro ou arquiteto, têm outro efeito e credibilidade.

Outro exemplo, até citado anteriormente em outra situação, diz respeito às informações recebidas dentro da instituição, quando estou nas aulas do mestrado ou quando participo de palestras na Universidade, tudo faz muito sentido para mim, entretanto, para o cidadão comum, talvez venha carregada de desconfianças, ou seja, qualquer pessoa se acha no direito de questionar o conhecimento produzido pela

academia. Atualmente um bando de fanáticos e sectários fundamentalistas questionam o conhecimento científico produzido pela humanidade ao longo dos séculos, porém quando este conhecimento é produzido pelas Ciências Humanas tanto o descrédito quanto ao número de pessoas tende a recrudescer-se.

Lembremos que no atual cenário, não somente as Ciências Humanas, mas todas as ciências, há séculos constituídas, estão sendo colocadas em xeque, a própria pandemia do coronavírus (Covid-19), mesmo depois de tantos óbitos, é frequentemente questionada e lhe imputam teorias conspiratórias absurdas. Imagine a Sociologia, bem como as Ciências Humanas no geral, tudo é passível de questionamento. As palavras e discursos de renomados acadêmicos das Ciências Sociais, como de outros centros acadêmicos, são alvo de desconfianças, isso se reverbera, em parte, no fato da nossa não credibilidade, enquanto cientistas sociais, perante a população.

Nessa nossa “busca por um lugar ao sol”, passaremos por muitos infortúnios, e isso não é de agora, há tempos a Sociologia reivindica espaço nos meios escolares, será luta constante entre governos, políticas desestimulantes, educação virtual, etc. Estaremos sempre prontos para resistir, por vezes organizados e por vezes estabados, essa briga é antiga.

Florestan Fernandes no primeiro congresso brasileiro de Sociologia em 1954, escrevendo sobre o ensino de Sociologia na escola brasileira ressalta:

O estudo e o ensino da sociologia decorrem, a nosso ver, dos princípios gerais afirmados acima. O seu escopo deve ser, antes de tudo, munir os estudantes de instrumentos de análise objetiva da realidade social; mas também, complementarmente, o de sugerir-lhes pontos de vista mediante os quais possam compreender o seu tempo, e normas com que poderá construir a sua atividade na vida social (FERNANDES, 1954, p. 92).

Perceba que os objetivos atuais são similares aos propostos anteriormente, de lá para cá, conseguimos instrumentalizar nossos jovens com subsídios cognitivos para responderem aos anseios da sociedade? E será que lograremos êxito, pelo menos, em nos aproximarmos dos cidadãos e mostrar-lhes que a Sociologia tem fundamento e se faz imprescindível sua presença na vida das pessoas?

As Ciências Sociais devem galgar seu espaço na sociedade de forma mais amplificada, neste sentido, direciono para esse debate um artigo sobre o “Ensino de

Sociologia: Particularidades e desafios contemporâneos”, da professora Nise Jinkings (2007), que realiza uma abordagem sobre Sociologia e educação no Brasil, comentando:

Aos sociólogos, restaria a tarefa e o desafio de intervir nas condições pedagógicas em que se daria o ensino da disciplina, que poderia preparar as novas gerações para o tratamento científico de problemas econômicos, políticos, administrativos e sociais em um país em formação (JINKINGS, 2007, p. 121).

Concordo plenamente que os educadores da área de humanas e mais precisamente da Sociologia, se puder e/ou tiver condições de realizar algum tipo de intervenção pedagógica, que tornasse mais evidente e importante o trato dessas questões citadas pela autora, seria de ótimo feitio para nossa área como para a sociedade, colocando maior notoriedade nas soluções dos problemas sociais, talvez a opinião pública poderia mudar suas concepções sobre os cientistas sociais.

A autora continua suas discussões sobre os desafios contemporâneos da presença da disciplina de Sociologia na educação básica, citando algumas condições desfavoráveis referentes a problemas estruturais e dificuldades no campo escolar, dentre várias outras situações também se pode destacar, segundo ela:

A desvalorização da disciplina e do profissional especializado na ciência social, consequência da frágil presença disciplinar da Sociologia, é reforçada pelo processo educativo excludente e expulsivo, que afasta grande quantidade dos jovens brasileiros do ensino médio (JINKINGS, 2007, p. 123).

Embora este artigo tenha sido escrito antes da obrigatoriedade da Filosofia e da Sociologia no ensino médio, não exclui as dificuldades que outrora aconteciam e que porventura continuam a acontecer. Sabemos que os avanços aconteceram de forma tênue e sutil, mas não podemos negar algumas conquistas, principalmente, a meu ver, nas escolas de tempo integral, pela modalidade de disciplinas eletivas, porém na maioria das escolas persiste um refugio com relação à importância, tanto do professor quanto da objetividade da disciplina sociológica.

Que caminhos devemos seguir para mostrar à sociedade o nosso real valor? Neste último caso, sobre o profissional e a disciplina, aparecer para as massas como algo importante e com valor, não será tarefa simples! E nem acontecerá do dia para a noite. Isso é resultado da construção coletiva dos segmentos que compõem a escola, e se realiza com pequenas lutas por espaços dentro da própria escola e da comunidade, junto e próximo às juventudes, sofrendo e sorrindo os agravos e perrengues atinentes a Sociologia como disciplina curricular.

Fechando as considerações sobre as particularidades da Sociologia no ensino médio, Nise Jinkings (2007) em seu artigo conclui que essa frágil presença disciplinar, decorre, sobretudo, da relação existente entre:

A ausência de tradição de trabalho com o ensino da Sociologia nas escolas, o desconhecimento sobre o sentido e a finalidade da disciplina na grade curricular e sua conseqüente desvalorização, tanto pelas direções das escolas e pelo seu coletivo de professores, como pelos alunos, obstaculizam a criação e a consolidação de espaços de reflexão sociológica que promovam mediações significativas entre os estudantes e o conhecimento científico da vida social (JINKINGS, 2007, p. 126).

O que podemos perceber é que as reflexões são similares às discussões que vêm se desenrolando ao longo do referencial teórico, como nos pontos de ensino da Sociologia e dos desafios da Sociologia no ensino médio, e também os objetivos da Sociologia para transformação do ser e da sociedade, acrescentam-se nessa salada pedagógica as dificuldades provenientes do desconhecimento que a população carrega sobre a disciplina e o profissional.

Portanto, se pretendemos alguma mudança substancial, devemos, enquanto profissionais, sempre revermos nossas posturas e nossas estratégias de trabalho, saber como chegar, no sentido de alcançar o universo da juventude, e conseguir metamorfosear a consciência e a visão de mundo que os jovens podem ter relacionado a vida em sociedade, inculcando de forma salutar, que a Sociologia tem sentido, podendo desenvolver-se em um prazeroso exercício de cidadania de fundamental importância para nossas vidas.

É neste sentido, que novamente relembro as reflexões de Juarez Dayrell sobre: A juventude no contexto do ensino da Sociologia, onde o mesmo traz questões e desafios para contribuir com nossas discussões, principalmente quando ele realiza a seguinte ponderação:

A escola e muitos dos seus profissionais ainda não reconhecem que os alunos que ali chegam trazem experiências sociais, demandas e necessidades próprias. Continuam lidando com os jovens com os mesmos parâmetros consagrados por uma cultura escolar construída em outro contexto (DAYRELL, 2010, p. 78).

Entendo ser muito importante estarmos ponderando e refletindo sobre as perspectivas do autor com relação à juventude, pois trata diretamente de um público que é alvo número um da Sociologia, pois sua obrigatoriedade é exatamente no ensino médio, é aí que devemos, no bom sentido da palavra, “fiscá-los” para nosso lado, sem quisermos ser melhor do que ninguém, nem querer forçá-los a nada, nem usar de subterfúgios

indevidos. Mas, como diz o texto com características freirianas, devemos conhecer melhor nosso público, de onde vem e o que trazem para trocar conosco, não somos detentores do saber e da verdade, somos simples mortais em busca de conhecimentos, as trocas de aprendizagem são diferenciais intergeracionais que fazem muita diferença, tanta para um lado como para o outro.

As Ciências Sociais devem ser fortes e resistentes, buscar afirmação e justificativas das suas ações, não quer dizer também que já não o façam, mas quero colocar que é preciso mostrar sua importância para a sociedade, não uma pequena parcela de intelectuais ou pessoas que se concentram nas grandes capitais em regiões centrais ou intelectualizadas, mas o público, que talvez mais necessite, o da periferia, das comunidades de áreas metropolitanas, das favelas e locais afastados dos grandes centros urbanos, que hoje são dominados pelas facções.

Parafrazeando a música de Milton Nascimento, “Nos bailes da vida”<sup>5</sup>, a Sociologia deve ir onde o povo está, temos que começar atingir esse público, e provocar mudanças positivas em suas mentalidades, que ainda estão carregadas com características provincianas e subalternizadas. Parafrazeando outro grande artista, o poeta Cazuza, que dizia: “Brasil, mostra tua cara”<sup>6</sup>, eu digo: Ciências Sociais mostra a que veio! O que queres conquistar? Quer seu lugar ao sol?! Não sem antes enfrentar o dragão da alienação.

Enfim, é importante salientar que o ensino de Sociologia está imbricado ao corpo de conhecimentos que perfazem estruturalmente as Ciências Sociais, que os métodos de intervenção pedagógica propostos nesta pesquisa nos conduzam aos objetivos almejados, e que possamos alcançá-los com hombridade e respeito. Tendo consciência de que não existe um caminho certo, mas caminhos que podem nos conduzir ao paraíso da esperança ou ao inferno do negacionismo, nossas escolhas é que podem fazer toda a diferença.

Com base nessas discussões, apresento, a seguir, uma proposta de intervenção pedagógica relativa ao ensino de gênero no ambiente escolar.

---

<sup>5</sup> Composição de Milton Nascimento e Fernando Brant, interpretada por Milton Nascimento, que faz parte do álbum “Caçador de mim” do ano de 1981.

<sup>6</sup> “Brasil” composta por Cazuza, George Israel e Nilo Romero, é a sexta faixa do CD Ideologia lançado em 1988. A música foi uma espécie de manifesto político e social criado em um momento muito particular da história do país, tratava-se do período de redemocratização.

### **3 “SOBERANAS - LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER”: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOBRE O ENSINO DE GÊNERO**

O “Soberanas: Lugar de mulher é onde ela quiser” trata-se de uma intervenção pedagógica que tem como objetivo ampliar o diálogo e a compreensão dos/as jovens estudantes sobre questões relativas às relações de gênero, com focos específicos na condição da mulher e do seu papel na sociedade contemporânea. A intenção é proporcionar discussões relacionadas às questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, além de debater sobre as várias formas de violência sofridas pelas mulheres na sociedade contemporânea, levando-se em consideração suas lutas e conquistas históricas na busca por direitos.

A intervenção pedagógica ora apresentada é formada por uma proposta sequencial de atividades sobre igualdade e equidade de gênero, utilizada com os/as alunos/as do ensino médio durante as aulas de Sociologia e Filosofia na Escola Estadual de Educação Profissional Edson Queiroz na cidade Cascavel-CE, no ano de 2020.

Devido às condições atuais provocadas pela Pandemia do vírus SARS-CoV-2, causador da covid-19, as propostas de atividades e discussões das temáticas, previstas para serem realizadas de forma presencial, foram adequadas ao ambiente virtual, sendo realizadas de forma remota (síncronas e assíncronas), com a utilização de tecnologias digitais da informação e comunicação. Mediante as possibilidades de acompanhamento do desenvolvimento cognitivo dos/as estudantes e o envolvimento dos mesmos em todo o processo de construção dos trabalhos, os resultados da realização da intervenção mostraram-se satisfatórios.

É importante ressaltar que antes de iniciar as atividades referentes à intervenção foi estabelecido o contato com a gestão da escola para explicar a metodologia que seria utilizada, bem como o funcionamento e operacionalização das ações sequenciais do trabalho. Ficou acordado que as atividades aconteceriam durante o terceiro período do ano letivo de 2020 e seria equivalente a duas aulas semanais, uma referente à Filosofia e outra referente a Sociologia, sendo sua aplicabilidade somente para as quatro turmas de primeiros anos e de forma remota utilizando-se da plataforma Google Classroom como o ambiente virtual de aprendizagem.

A seguir, apresento os objetivos da intervenção pedagógica, entendidos como as aprendizagens que devem ser adquiridas pelos estudantes, e a proposta de sequência didática a ser realizada durante as aulas de Sociologia no ambiente escolar.

### **3.1 Objetivos de aprendizagem**

Compreender as condições de tratamento sofridas pelo gênero feminino na contemporaneidade, pois mesmo depois de tantos avanços e conquistas dos direitos civis, sociais e políticos, continuam sendo as mulheres quem mais sofrem e vivenciam abusos, assédios e violências de todos os tipos.

Identificar as situações de violência nas relações de gênero entre adolescentes nos ambientes escolares, e entender como o conhecimento sociológico pode contribuir para mitigar essas desigualdades.

Desenvolver a partir das relações pedagógicas de ensino-aprendizagem mecanismos de combate às variadas formas de violência e preconceito provenientes dos padrões de comportamento.

Fortalecer a conscientização e o empoderamento das mulheres com relação à efetivação dos seus direitos na busca por igualdade e equidade, tratando a questão com o devido respeito e a importância que merece.

### **3.2 Sequência didática da intervenção pedagógica**

A sequência de atividades da intervenção pedagógica foi realizada em 2 h/a (duas horas aula) semanais, referente ao tempo destinado às aulas de Sociologia e Filosofia. A duração prevista e acordada com a gestão da escola para a realização da intervenção foi de oito semanas.

#### **1ª SEMANA**

##### **Objetivos:**

- Apresentar os propósitos do projeto e as atividades planejadas.
- Iniciar a discussão sobre gênero e identidade.
- Reservar um espaço para perguntas e questionamentos.
- Definir os representantes de turma (monitores) e formar grupos produtivos.

No primeiro encontro com os estudantes, são apresentados a história de criação do projeto e os seus objetivos, bem como as atividades planejadas para o bimestre corrente. Em seguida, inicia-se uma discussão introdutória sobre os estudos de gênero. Para tal, é disponibilizado antecipadamente um fragmento de texto de Judith Butler, retirado do livro “Sociologia em Movimento”, que mostra/explica conceitualmente os termos gênero e identidade.

#### **Texto**

#### **Introdução ao estudo de Gênero e Identidade**

Gênero pode ser definido como aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino. De acordo com a definição “tradicional” de gênero, este pode ser usado como sinônimo de “sexo”, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino, assim como do sexo feminino. No entanto, a partir do ponto de vista das ciências sociais e da psicologia, gênero é entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres.

Por ser um papel social, gênero pode ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser entendido como algo mutável e não limitado. Nos estudos biológicos, o conceito de gênero é um termo utilizado na classificação científica para o agrupamento de organismos vivos, que formam um conjunto de espécies com características morfológicas e funcionais, refletindo a existência de ancestrais comuns e próximos. Por exemplo, o “*homo sapiens*” é o nome da espécie humana a qual pertence ao gênero “*homo*”.

Neste sentido, este projeto versa sobre questões relativas ao gênero feminino. Podemos definir e entender o conceito de gênero como uma visão de mundo para caracterizar o masculino e o feminino e suas variações que não se fundamentam em um princípio evolutivo de ordem biológica e nem morfológica, mas sim em uma construção social, cultural e histórica, que se baseia principalmente na identidade subjetiva das pessoas, que podemos determinar como sendo a formação de uma identidade de gênero.

Ou seja, para a psicologia, a sociologia, a história, a antropologia e a filosofia, gênero é aquilo que diferencia socialmente as pessoas. Embora não haja consenso sobre a questão, é inegável que os papéis sociais, as funções atribuídas a homens e mulheres, variam de acordo com cada época e cultura. O grande desafio nesse debate é estabelecer quais diferenças entre homens e mulheres são determinadas pela biologia e quais são aprendidas culturalmente (BUTLER, 2003).

Este fragmento de texto provoca nos estudantes um demasiado interesse em discutir a temática, por isso a importância de reservar um espaço para perguntas e questionamentos.

Após o momento de discussão, parte-se para a definição de representantes de turma (Monitores) e a formação de equipes (Grupos Produtivos). A utilização desta estratégia para organização do trabalho pedagógico foi incorporada por ser praxe na escola. Geralmente, são escolhidos no início do ano letivo entre dois e cinco monitores para cada disciplina.

No caso desta intervenção, foram definidos de modo aleatório e independente do gênero, cinco monitores. Para escolha das monitorias, são considerados critérios de afinidade do estudante com a disciplina e as melhores notas. Já a divisão dos grupos

produtivos é feita por afinidade entre os estudantes ou sorteio. Os grupos normalmente são formados por, no máximo, cinco integrantes, podendo ser escolhidos também pelos monitores que conhecem melhor a realidade da turma. Grupos menores, de até cinco integrantes, facilitam a participação e o engajamento dos/as alunos/as.

É importante salientar que quanto à forma de realização, os objetivos da primeira semana foram realizados tanto de modo síncrono, como assíncrono, por meio das Plataformas Google Meet e Google Classroom.

## **2ª SEMANA**

### **Objetivos:**

- Disponibilizar para os Grupos Produtivos (GP) temas geradores definidos a partir do livro didático de Sociologia utilizado na escola.
- Realizar individualmente a leitura dos textos referentes aos temas geradores.
- Elaborar individualmente comentário crítico reflexivo sobre o entendimento acerca da temática proposta.
- Resolver uma questão do ENEM relativa ao conteúdo da intervenção.

A segunda atividade propõe designar aos grupos produtivos definidos anteriormente temas geradores presentes no livro didático de Sociologia utilizado na escola. Todavia, é importante ressaltar que nem todos os livros didáticos podem abordar de forma didática e sistematizada o assunto gênero, identidade e sexualidade, desta forma, mediante as possibilidades, deve-se buscar outras fontes que discutam essas temáticas .

Dos livros didáticos de Sociologia aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018, o livro utilizado pela escola é o “Sociologia em Movimento” da Editora Moderna, especificamente, a unidade 6, capítulo 14. Outro livro que também pode ser utilizado é o “Sociologia para jovens do século XXI”, na unidade 3, capítulo 18, ou mesmo outros livros didáticos a depender de qual a escola e o/a professor/a utilizam. Entretanto, dependendo da escola, o/a professor/a tem autonomia para buscar outras fontes e outras temáticas, desde que não fuja do foco central do projeto de intervenção.

<p><b>Tópicos selecionados do livro didático “Sociologia em movimento”: UNIDADE 06 - Capítulo 14 (330 - 351)</b></p>
--

- GP1 - Sexo e gênero: entre a construção e a desconstrução (332 a 334);
- GP2 - O patriarcado e seus efeitos (335 a 336);
- GP3 - A divisão sexual do trabalho: A mulher entre o público e o privado (337 a 339);
- GP4 - Interseccionalidades: raça, classe e gênero (340 a 342);
- GP5 - Identidade de gênero: sua instabilidade (342 a 344);
- GP6 - Sexualidades em transformação (344 a 346);
- GP7 - Movimentos sociais: Feminismo (347 a 349);
- GP8 - Movimentos sociais: LGBT (350 a 351).
- GP9 - Direito e sociedade: Patriarcalismo e Feminicídio (páginas 352 e 353)

Utilizar o livro didático como uma ferramenta na intervenção pedagógica é interessante por se tratar de um material disponibilizado pela escola e acessível aos estudantes.

Na experiência realizada na escola Edson Queiroz, foram formadas em cada turma de 1º ano nove equipes e distribuídos os nove temas. Cada equipe recebeu a denominação de Grupo Produtivo (GP) e os temas foram distribuídos na ordem que estão dispostos no livro, para facilitar cada equipe ficou com o tema referente à numeração do seu grupo, ou seja, o GP1 com o tema 1, GP2 com tema 2, e assim por diante até o GP9.

A distribuição dos temas foi realizada pela Monitoria, que foi orientada a utilizar o horário mais adequado à realidade de cada turma, sem interferir em outras atividades pedagógicas da escola, nem no horário de aula de outros professores/as.

Apesar da divisão dos temas por equipes, nesta segunda semana a atividade é realizada individualmente. Os temas estão divididos por Grupos Produtivos, cada aluno/a realiza sua atividade de acordo com o tema designado para seu grupo produtivo, ou seja, para cada grupo está definido um tema específico que foi retirado do livro didático. Todavia, os/as alunos/nas podem e devem ser estimulados a estudar qualquer um dos temas que lhe interessar, pois todos os assuntos estão interligados e são importantes para a compreensão geral do assunto.

Com relação à questão do ENEM, ela foi selecionada por estar relacionada ao conteúdo da intervenção e foi enviada pelo Google Classroom. Este tipo de ação é opcional e somente foi inserida como atividade por ser uma demanda pedagógica da

escola. Apoiado nas atividades realizadas nas duas primeiras semanas, é possível observar que a realização da intervenção procura se adequar à realidade da escola, pois, os objetivos pedagógicos da escola, podem diferenciar-se, em alguns pontos, dos objetivos da intervenção.

(Enem 2009 / Questão 60)

A definição de eleitor foi tema de artigos nas Constituições brasileiras de 1891 e de 1934. Diz a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891:

Art. 70. São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei.

A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934, por sua vez, estabelece que:

Art. 180. São eleitores os brasileiros de um e de outro sexo, maiores de 18 anos, que se alistarem na forma da lei.

Ao se comparar os dois artigos, no que diz respeito ao gênero dos eleitores, depreende-se que:

- A)** a Constituição de 1934 avançou ao reduzir a idade mínima para votar.
- B)** a Constituição de 1891, ao se referir a cidadãos, referia-se também às mulheres.
- C)** os textos de ambas as Cartas permitiam que qualquer cidadão fosse eleitor.
- D)** o texto da carta de 1891 já permitia o voto feminino.
- E)** a Constituição de 1891 considerava eleitores apenas indivíduos do sexo masculino.

**Resolução:**

O enunciado da questão se refere ao gênero dos eleitores, ou seja, ao sexo. Nesse sentido, fica claro que a Constituição de 1891 restringia o poder de voto aos homens maiores de 21 anos, o que demonstra que, naquele período, o direito político era reservado aos homens. Já a partir da Constituição de 1934, as mulheres já têm o direito ao voto.

### 3ª SEMANA

#### Objetivos:

- Discussão e compartilhamento, em cada grupo produtivo, das atividades referentes ao tema (Sugestão: 20 a 30 min).
- Apresentação, discussão e compartilhamento para toda a turma (Sugestão: 70 a 80 min).

Na terceira semana, os grupos produtivos se organizaram para realizar a discussão e compartilhamento das atividades referentes ao seu tema. Além disso, é realizado o encontro geral com a turma para apresentação das discussões, os tempos sugeridos variam de acordo com a dinâmica de cada turma. A programação das atividades é planejada levando-se em consideração a quantidade de aulas que o/a professor/a dispõe.

É importante para uma maior organização e produtividade que cada grupo escolha um representante e/ou relator para apresentar o tema e as discussões que foram realizadas no Grupo Produtivo. Nesta intervenção, o encontro em grupo e com a turma foram realizados de forma assíncrona, sem a presença do professor, e via Google meet.

Nesses encontros fica inviável para o/a professor/a acompanhar as apresentações, pois são, no meu caso, nove grupos e quatro turmas, podendo ocorrer choques de horário, indisponibilidade, outras demandas da escola para dar conta, impossibilitando minha participação. Embora, se o/a professor/a puder participar de alguns encontros, dentro de suas possibilidades, fica a critério, a minha sugestão é que seja um momento somente deles, e posteriormente pode-se conversar com os/as monitores/as de turmas para saber como foram desenvolvidas as apresentações. São estes momentos que reforçam a importância da monitoria.

Mesmo de modo assíncrono, foram solicitados os relatórios dos encontros com o grupo e com a turma, onde deveriam constar:

- Os assuntos mais importantes debatidos;
- Os pontos positivos e negativos dos encontros e dos temas;
- E o relatório de participação, mostrando de que forma os integrantes contribuíram com os trabalhos e quais as dificuldades encontradas para execução das atividades.

Foi solicitado também nos relatórios a reflexão crítica sobre os seguintes questionamentos: Qual a importância dos estudos de gênero entre adolescentes e jovens no ambiente escolar? E quais dificuldades encontrou para fazer essa discussão nas plataformas virtuais?

Segundo as conversas de acompanhamento das atividades que tive com os/as monitores/as, os encontros aconteceram de forma satisfatória em momentos variados e com ampla participação. Por serem atividades que ocorreram de forma remota, não foi exigido obrigatoriedade da frequência. Entretanto, fica a cargo do/a professor/a criar estratégias para registrar os encontros e a participação dos/as estudantes, podendo ser frequência eletrônica, prints ou imagens da reunião.

#### **4ª SEMANA**

##### **Objetivos:**

- Apresentação dos temas pelos representantes e/ou relatores da turma.

- Considerações finais do/a professor/a sobre as apresentações.

A quarta semana é dedicada para as apresentações das turmas por meio de videoconferências, é um período de estudos e preparação das atividades. A organização das apresentações foi planejada e ocorreu da seguinte forma: cada turma escolheu dois relatores, a turma 1 ficou responsável por apresentar os temas 1 e 2; a turma 2 pelos temas 3 e 4; a turma 3 pelos temas 5 e 6; e a turma 4 responsabilizou-se pelos temas 7 e 8. Como são nove temas, designei que um/a monitor/a de cada turma apresentasse o tema de número 9, pois, no meu caso em particular, cada uma das quatro turmas têm 9 grupos, e esse arranjo contempla que todas as turmas participem de alguma forma e que todos os temas sejam apresentados.

Esse formato depende da quantidade de turmas, temas e aulas que o/a professor/a disponha e possa trabalhar. São muitas as possibilidades, formar um número menor de grupos, conseqüentemente menos temas, utilizar maior número de aulas em concordância interdisciplinar com outros/as professores/as, enfim, o importante é que se utilizem metodologias ativas, como situações problema, sala de aula invertida e desenvolvimento de projetos, que promovam os/as aluno/as como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos estudantes meios para que eles consigam guiar o seu desenvolvimento educacional, fugindo do modelo de ensino em que o/a professor/a detém o conhecimento dentro da sala de aula.

O principal objetivo deste modelo de ensino é incentivar os/as alunos/as para que aprendam de forma autônoma e participativa, a partir de problemas e situações reais, a proposta é que os/as estudantes estejam no centro do processo de aprendizagem, participando ativamente e sendo responsável pela construção de conhecimento.

### **Esquema de apresentação:**

#### **TURMA - 1**

Tema 1 - Sexo e gênero: entre a construção e a desconstrução.

- Objetivo de aprendizagem: Compreender como o ambiente cultural e educacional é responsável pela construção e imposição de comportamentos padrão para meninos e meninas.

Tema 2 - O patriarcado e seus efeitos.

- Objetivo de aprendizagem: Entender o patriarcado como estratégia de dominação para legitimar o poder masculino nas esferas públicas e privadas.

## TURMA - 2

Tema 3 - A divisão sexual do trabalho: A mulher entre o público e o privado.

- Objetivo de aprendizagem: Perceber os papéis sociais associados a homens e mulheres no mundo do trabalho, e identificar quais funções são mais valorizadas.

Tema 4 - Interseccionalidades: raça, classe e gênero.

- Objetivo de aprendizagem: Interpretar as diferentes identidades e suas interações na realidade social, levando-se em consideração as diversas formas de opressão.

## TURMA - 3

Tema 5 - Identidade de gênero: sua instabilidade.

- Objetivo de aprendizagem: Compreender a normatização dos comportamentos como base para a divisão entre os sexos e a formação das identidades.

Tema 6 - Sexualidades em transformação.

- Objetivo de aprendizagem: Identificar a existência de um sistema de classificação binário para diferenciar grupos sociais, e justificar a dominação de um grupo.

## TURMA - 4

Tema 7 - Movimentos sociais: Feminismo.

- Objetivo de aprendizagem: Entender o feminismo como movimento social legítimo de luta pelos direitos das mulheres por igualdade e equidade.

Tema 8 - Movimentos sociais: LGBT.

- Objetivo de aprendizagem: Reconhecer a legitimidade dos movimentos sociais como elementos transformadores na busca por respeito e cidadania.

## MONITORIA

Tema 9 - Direito e sociedade: Patriarcalismo e Femicídio.

- Objetivo de aprendizagem: Depreender a estreita relação entre as violências sofridas pelas mulheres e a estruturação social do patriarcado.

Cada turma deve escolher seus representantes e/ou relatores/as para apresentar os temas, podendo ser apresentado por 1 ou 2 alunos/as, sendo dois temas para cada turma, até 4 alunos/as, podendo ou não se dividir em dois grupos, o importante é a turma apresentar os dois temas que lhes foram designados, são 10 minutos para cada tema perfazendo um total de 20 minutos por turma e mais 10 minutos para a monitoria

apresentar o tema que restou, ao final, o/a professor/a pode fazer suas considerações finais.

Neste momento aproveito para reforçar a relação existente entre os temas, e de como todos os tópicos estão interconectados com nossas realidades sociais, mostrando a partir dos exemplos citados pelos relatores, que devemos estar atentos para não naturalizar os preconceitos enraizados em nossa sociedade, e não perpetuarmos as várias violências, discriminações e segregações implícitas nas nossas formas de tratamento com o diferente.

Reforçando que o/a professor/a deve atuar como mediador e organizador do encontro para que todas as turmas e monitoria possam apresentar, cumprindo horários e o que foi planejado. Em algumas turmas, os estudantes acharam por bem escolher um representante por tema, e sempre o/a representante correspondente ao tema que trabalhou com seu grupo, os horários também foram respeitados, em alguns casos houve poucas interferências para perguntas e comentários, isto também depende do perfil de cada turma, alguns são mais participativos que outros.

## **5ª SEMANA**

### **Objetivos:**

- Realizar atividade individual apresentando a temática proposta por meio de recursos didáticos, no caso desta intervenção, a música.

Na quinta semana, o/a estudante deverá selecionar música de sua preferência, independentemente do estilo musical, e procurar interpretar a letra da canção relacionando-a com as leituras, pesquisas e encontros, ou seja, incluir às temáticas discutidas durante as atividades propostas, procurando relacioná-las às questões de Gênero, Identidade e sexualidades.

Após escolher a música, o/a estudante foi estimulado a buscar o máximo possível de informações técnicas, como nome da música, cantor, compositor, estilo musical, contexto social de lançamento. Foi pedido também que eles/as destacassem alguns trechos e, em seguida, fizessem um comentário geral colocando suas reflexões, usando sua criticidade na construção do seu texto.

Nesta atividade, a música foi o recurso escolhido por ser uma forma de despertar o senso crítico dos/as ouvintes e fazer parte do cotidiano de muitos jovens estudantes. A música também funciona como possibilidade metodológica e alternativa de ensino, pois

estimula os debates e reflexões sobre as temáticas envolvidas e pertinentes ao ensino de Sociologia (CARNEIRO, 2018)

No caso desta intervenção, as atividades referentes a essa semana foram realizadas de forma assíncrona. Lembrando que as atividades estão acontecendo neste formato por causa do contexto de pandemia que todos estávamos vivenciando.

## **6ª SEMANA**

### **Objetivos:**

- Orientar e organizar os Grupos Produtivos para a produção de materiais relacionados ao tema, no formato de paródias, músicas, cordéis e poesias.

Na sexta semana, os Grupos Produtivos foram estimulados e orientados a produzirem materiais relacionados ao tema gênero, identidade e sexualidade, no formato de paródias, músicas, cordéis e poesias. Cada grupo deveria escolher pelo dois desses formatos e realizarem sua apresentação por meio de um ou dois micro-vídeos com duração entre 3 e 5 minutos. Essas apresentações devem retratar as produções escritas e audiovisuais e quais objetivos e contribuições podem oferecer para o desenvolvimento das discussões das relações de gênero no ambiente escolar.

O GP poderia produzir paródias, músicas autorais, cordéis e poesias que expressassem, de modo criativo, sua criticidade argumentativa. Foi acordado entre todos que na última semana seria organizada uma videoconferência para culminância do projeto “Soberanas”, quando os representantes de cada turma teriam 10 minutos para apresentar um breve comentário sobre as produções artísticas produzidas pela turma.

No caso desta intervenção, cada grupo produtivo deveria produzir duas atividades escritas (música, paródia, cordel etc.) e dois vídeos sobre as atividades escritas, que deverão ser postadas na plataforma até a oitava e última semana referente ao projeto.

## **7ª SEMANA**

### **Objetivos:**

- Produzir os textos no formato de música, paródia, poesia ou cordel, e realizar a gravação dos micro-vídeos.
- Orientar as apresentações da semana de culminância do projeto Soberanas.

Na sétima semana, é importante que seja destinado tempo para os estudantes produzirem os textos e realizarem a gravação dos micro-vídeos, sempre enfatizando que as produções devem estar conectadas às temáticas desenvolvidas e discutidas pelas turmas.

No projeto Soberanas, os grupos reuniram-se de forma virtual, através de videoconferências ou grupos de whatsapps, para trocar informações e deliberar sobre quais formatos deveriam utilizar na execução das tarefas. As atividades da sexta e sétima semanas foram realizadas de forma assíncrona, seguindo os princípios das metodologias ativas, sempre com o acompanhamento da monitoria e do/a professor/a orientador/a. Assim, os jovens participam assumindo um protagonismo mais efetivo na construção do próprio conhecimento, demonstrando que esse formato de aprendizagem é mais estimulante e eficiente.

## **8ª SEMANA**

### **Objetivos:**

- Culminância do Projeto Soberanas com a apresentação dos materiais produzidos pelos estudantes.

No último encontro da intervenção é realizada a culminância de todo o processo de ensino-aprendizagem. O professor realiza a abertura da aula com acolhimento e agradecimentos. Em seguida, os monitores apresentam uma síntese do que cada grupo produziu e, no final, o/a professor/a faz suas considerações gerais. Para que a culminância ocorra, é importante que os monitores sejam orientados a compilar o material das produções realizadas pelas equipes e fazer um apanhado geral.

Com relação a entrega dos materiais por parte dos estudantes, as datas de entrega podem ser flexibilizadas de acordo com o desenvolvimento de cada turma, considerando que eventuais imprevistos possam comprometer o andamento e funcionamento do projeto e das apresentações. Entretanto, depois da entrega dos vídeos, o/a professor/a deve avaliar e analisar todos os materiais produzidos com o compromisso de marcar orientações para realizar feedbacks com as turmas, a depender das possibilidades de aulas do/a professor/a.

No dia da culminância, o tempo de apresentação da monitoria de cada turma deve ser calculado de acordo com as aulas disponíveis para a videoconferência. Por exemplo, eu que disponho de 2 horas aulas estipulei um tempo entre 10 e 20 minutos, no máximo, levando-se em consideração que cada monitor/a vai comentar sobre as nove turmas, sendo quatro turmas, se todos utilizarem entre 15 e 20 minutos, teremos entre 60 e 80 minutos, o tempo restante pode ser utilizado pelo professor/a para considerações finais e agradecimentos.

Além da apresentação na culminância, foi solicitado um relatório final por grupo produtivo para ser postado na plataforma Google Classroom. No relatório deve constar o que foi produzido; como se deu esta produção e a gravação do vídeo; por último, quais as contribuições e participações dos integrantes da equipe. Em resumo, são estes formatos de atividades e produções que nos ajudam na compreensão da visão inicial que os/as estudantes podem ter sobre as relações de gênero e identidade de gênero.

## **4 ANÁLISE DOS EFEITOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE OS/AS ESTUDANTES**

### **4.1 Categorização dos materiais produzidos pelos estudantes**

A realização da intervenção pedagógica “Soberanas - Lugar de mulher é onde ela quiser” proporcionou a criação de materiais audiovisuais que expressam a perspectiva dos/as jovens estudantes sobre gênero e sexualidade. Tais materiais também são fundamentais para compreender os efeitos na referida intervenção entre os/as estudantes do ensino médio.

A categorização foi uma forma de sistematizar didaticamente o material produzido pelas turmas e que, de modo geral, proporcionou para mim uma melhor condição para que eu pudesse dar uma maior celeridade e organização na análise dos vídeos dentro das temáticas que foram propostas e produzidas nas atividades, e doravante construir minhas interpretações e impressões relacionadas aos objetivos da pesquisa a serem alcançados com a implementação da intervenção pedagógica.

As categorias foram organizadas de acordo com os temas/tópicos do livro didático que foram trabalhados com as turmas, entretanto, a produção dos vídeos foi desenvolvida de forma a estimular à criatividade e à visão crítica dos/as alunos/as, que não deveriam obrigatoriamente trabalhar com o tema/tópico do seu Grupo Produtivo (GP).

Este formato de sistematização que fiz, entre categorias e subcategorias, foi pensado do ponto de vista da pesquisa, desvincilhando o vídeo da turma que produziu, e ligando-o ao tema em si, desta forma posso avaliar não a turma que executou a tarefa (ação do professor), mas se os objetivos da atividade foram alcançados (ação do pesquisador).

Ao todo foram produzidos 49 vídeos, a partir dos quais pude registrar 5 categorias que se subdividem em outras 9 subcategorias:

- A primeira categoria apresenta a discussão sobre “Identidade de gênero e sexualidades”, que reflete sobre respeito, diversidade, pluralidade e orientação sexual.

- A segunda é sobre “Movimentos sociais e questões LGBTQIA+”<sup>7</sup>, com temáticas sobre homofobia e transfobia.
- A terceira é “Identidade de gênero” que, com foco na mulher, é a categoria com maior número de subdivisões, discutindo temas como violência, feminismo, respeito, direitos, discriminação, homofobia e mercado de trabalho.
- A quarta enfoca o “Patriarcado e o machismo”.
- A quinta é sobre “Interseccionalidades: Raça, classe e gênero”, que enfoca também a questão do racismo.

Observei no material classificado na primeira categoria, Identidade de Gênero e Sexualidades, que os estudantes retratam um dos pontos fulcrais para as discussões e reflexões sobre a intervenção, levando-se em consideração os objetivos propostos e os resultados esperados. No geral, as discussões são muito similares e dialogam entre si. Entretanto, pude observar algumas regularidades e constâncias nos discursos, como a luta por direitos e aceitação; críticas à sociedade e suas normas, tentando mostrar como a sociedade entende e lida com essas questões; o pedido de respeito às diferenças e diversidades; a denúncia dos preconceitos e dificuldades de aceitação (Quadros 1 e 2). Os vídeos são didáticos, e costumam ao final trazer notas de incentivo para a aceitação de ser o que quiser, como pode ser visto no material a seguir:

Quadro 1	
Cordel	Paródia
Sexo e gênero cada um com um conceito Tem gente que não aceita Mas eles são diferentes E a reação é tipo eita! Porque aquilo não parece normal A discriminação já tá é feita (...)	Desde pequena muito preconceito Porque falou sobre o que quer Mas aprendeu sobre o conceito Ela pode ser o que quiser! Qual é, qual é? Você pode ser o que quiser (...)

Quadro 2	
Minha vida, não a sua (Poema)	Amar é respeitar (Poema)
Não preciso de aprovações Para expor minha sexualidade Mas preciso de muita coragem Para andar nessa cidade.  Onde se encontra pessoas preconceituosas Incapazes de entender	Gênero, sexualidade e diversidade. Deve ser respeitado Do jovem até a meia idade  Todos têm o mesmo direito Pra que tanto preconceito O que importa é ser valorizado (...)

<sup>7</sup> Sigla representativa referente a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e o + que é utilizado para incluir variações de sexualidade e gênero.

Que necessito ser eu mesmo Para ter prazer em viver (...)	
--	--

Os trechos dos vídeos transcritos nos quadros 1 e 2 fortalecem os objetivos da intervenção, primeiro porque relatam o tópico que cada grupo discutiu e está conectado com a realidade vivenciada pelos jovens, e segundo pelo fato dos/as estudantes terem desenvolvido as atividades com empenho e entusiasmo, mostrando a importância de espaços para expressarem suas visões de mundo diante das situações problemas abordados.

As subcategorias são como uma extensão e amplificação do discurso em pauta, ou mesmo, trazem algum elemento que agrega ao discurso principal. A categoria 1 foi dividida em mais 2 subcategorias:

- Respeito, diversidade e pluralidade
- Orientação Sexual

Na subcategoria que designei como “Respeito, diversidade e pluralidade” a discussão orbita a identidade de gênero e suas instabilidades, os estudantes abordaram a questão do respeito às diferenças, preconceitos e discriminações; já em outros momentos afirmaram que o mundo é duro, no sentido de difícil, e que devemos ser fortes para ser o que somos e o que queremos, finaliza com a frase “seja você mesmo, se transforme” (Quadro 3)

Nas produções as abordagens são colocadas como uma crítica, um desabafo ou um alerta para que a sociedade “respeite suas escolhas”, é meu corpo, são minhas regras. Os discursos trazem também as críticas à sociedade, pedindo inclusão e respeito à homossexualidade, mostrando as vítimas do preconceito e da discriminação, e finalizando com mensagens de confiança (Quadros 3.1 e 3.2).

Quadro 3		
Poema 1	Poema 2	Poema 3
Vamos falar sobre gênero E a explicação irei dizer Quando saímos do útero A sexualidade já tínhamos	Mesmo que alguém Lhe julgue diferente Mesmo que a sociedade Lhe julgue diferente Seja simplesmente gente	Não tem essa de menino veste azul E menina veste rosa Cada um veste o que quer Não precisa estar na moda E você com seu preconceito

Pode-se dizer! (...)	Seja a mais pura vontade De viver a mais simples liberdade! (...)	Tem que evoluir As pessoas mudam E você vai conseguir! (...)
----------------------	---	--

<b>Quadro 3.1</b>	<b>Quadro 3.2</b>
Respeito não dói (Poema)	Poesia
Se você acha que é fácil Viva na pele a diferença De um povo que nasceu diferente Julgados pela sua existência A sexualidade é um conjunto, De um processo social. Causando expressão e desejo Além do determinismo Sendo assim bem natural (...)	Não peça respeito Exija ser respeitado Não julgue Se você não quer ser julgado  As pessoas são livres para amar Então porque não respeitar (...)

Como pode-se perceber, os trechos reportados nos quadros acima retratam os tópicos desenvolvidos nas atividades e apresentações realizadas nas aulas, o que reforça a importância e viabilidade da intervenção desenvolvida. Importante também destacar, com base nos trechos transcritos dos vídeos, que as discussões ultrapassam as questões relacionadas ao “lugar da mulher é onde ela quiser”, transbordando de modo interseccional para outras esferas socioculturais e que envolvem variadas dimensões da construção de uma identidade de gênero.

Na categoria 2, Movimentos sociais e questões LGBTQIA+, o tema central versa sobre as questões que envolvem a comunidade LGBTQIA+ e os movimentos sociais protagonizados por este grupo, mostrando essa luta como uma busca pelos direitos e soando como um incentivo para a aceitação, que fica explícito em algumas frases dos poemas produzidos pelos/as estudantes. Essas produções textuais abordam as dificuldades e preconceitos sofridos por conta da orientação, como diferencial trazem um enfoque didático muito bem contextualizado sobre sexualidade e gênero, auxiliando para entendermos as diferenças e as conquistas dos direitos em uma sociedade patriarcal.

Para entendermos os aspectos didáticos envolvidos nessa categoria, é preciso avaliar algumas perspectivas que percebi nas produções relacionadas ao tema, primeiro destacar que em algumas turmas, cinco dos nove grupos desenvolveram suas produções dentro do mesmo marco referencial teórico, ou seja, os assuntos abordados são muito similares. Outra questão que devemos levar em consideração seria o perfil da turma, que têm um quantitativo maior de mulheres e que, notadamente, de acordo com suas

participações, não se enquadram em uma configuração heteronormativa. Isso vale também para os garotos, mesmo sendo minoria na turma.

Dito isto, posso acrescentar que o maior enfoque didático imprimido nos trabalhos está diretamente relacionado às produções textuais e a confecção dos vídeos. Utilizando-se de uma linguagem direta, compreensiva e estimulante, que desperta a atenção pelo capricho na abordagem dos temas e agregando outras informações para o enriquecimento teórico-metodológico. E também, um melhor senso de organização e sistematização dos assuntos na produção audiovisual, com os devidos cuidados na edição dos vídeos produzidos.

Por exemplo, nos vídeos que falam sobre os movimentos identitários LGBT, a busca por afirmação, amor, direitos e respeito, sendo que, em um caso específico, o material foi mais direcionado a homossexualidade feminina, pensei até em classificá-lo na categoria gênero/mulher, mas a categoria 2 também é muito apropriada, pois envolvem questões relativas aos movimentos sociais.

No tocante à subcategoria homofobia, a única pertencente à categoria 2, continuam as críticas a nossa sociedade, como evidencia-se nas cinco subcategorias elencadas, que relata sobre os preconceitos sofridos em casa, na escola e na rua, inclusive, agressões físicas. Um dos grupos utilizou uma história que narra a trajetória da vida de um homossexual, suas dúvidas, dificuldades de se encaixar e enquadrar-se nos padrões sociais pré-estabelecidos.

Um dos trabalhos traz o slogan “Diga não à Homofobia”, e como os demais vídeos, faz a crítica à sociedade por não aceitação da diversidade, o interessante é que está explicitado, no refrão da paródia produzida pelo grupo a frase: “O problema vem de você” (Quadro 4).

<b>Quadro 4</b>
<p>O problema vem de você (Paródia)</p> <p>Sociedade vamos mudar Somos todos iguais, temos que respeitar Por favor, não julgue o ser humano Sua sexualidade tem que ser respeitada</p> <p>O problema vem de você Que não aceita com quem o outro quer viver Com quem o outro quer amar.</p>

Outros vídeos continuam na crítica à sociedade que é discriminatória e homofóbica, defendendo a bandeira do respeito à diversidade, contra as desigualdades e preconceitos, finalizando com o amor como fator importante para o respeito e o direito à liberdade.

Uma equipe, em específico, se utilizou da dramatização na construção do vídeo, que traz a mesma discussão em uma linguagem mais ousada e muito criativa, com o texto narrativo “Fria noite”, de autoria do grupo, que retrata as violências e tormentos sofridos pelas pessoas excluídas por suas diferenças, dentro de uma sociedade intolerante que deveria cuidar e zelar pelo nosso bem-estar, mas que impõe barreiras ideológicas restritivas, que não somente segregam como obstaculizam a inserção social, como disseminam ódio.

O material produzido pelos estudantes mostra os tipos de violência e os lugares onde os homossexuais sofrem maiores abusos e discriminações. As produções nesta subcategoria foram diversificadas e criativas, além das discussões e reflexões pertinentes ao tema em debate, pude perceber que os/as estudantes adquiriram a competência de identificar as desigualdades e violências provenientes dos padrões de comportamento relacionados a gênero e sexualidade.

Na categoria 3 foram reunidos os materiais que fazem a discussão sobre identidade de gênero com foco na condição do ser mulher, e retrata nesta perspectiva a questão da igualdade entre os gêneros, levantando o questionamento sobre o que é a sociedade na teoria e como se dá na prática, mostrando bem essa discrepância entre o falar e o fazer, e a dissimulação existente.

A categoria 3 foi organizada em cinco subcategorias:

- Violência e discriminação
- Feminismo e homofobia
- Respeito e Direitos
- Homenagens e honrarias
- Mercado de trabalho

Na subcategoria sobre violência e discriminação, aparecem as temáticas abrangendo os preconceitos do cotidiano, a condição da mulher e o incentivo a lutar pelos direitos, finalizando como uma crítica às violências produzidas pela sociedade. Além das questões relacionadas às discriminações e lutas feministas, as reflexões versam sobre mensagens de esperança retratadas na frase “você pode ser o que quiser”, que está na paródia já apresentada no Quadro 1, deste capítulo.

Apenas um único vídeo abordou sobre o feminicídio de forma mais enfática, pois mostraram trechos de relatos impactantes de pessoas denunciando por telefone, para a polícia, abusos e violências. Depois trazem dados de variadas formas de violência sofrida pelas mulheres, e finalizam com um poema: "Dias de luta, dias de glória! Eu fui à luta e tive parte da minha glória". Este trabalho foi produzido pelo grupo 7 da turma 4.

Essas frases “você pode ser o que quiser” têm origem na proposta da Intervenção, na temática principal do Soberanas, com o lugar da mulher é onde quer, e como ela pode ser, reconhecendo não somente seu lugar, mas compreendendo sua identidade. Essas propostas estão explicitadas nos tópicos iniciais das discussões teóricas contidas no livro didático e nas leituras complementares que utilizei como referência para amplificar minhas percepções.

Com relação à subcategoria feminismo e homofobia vou destacar um dos vídeos produzidos, pela importante contextualização histórica, mostrando lutas e conquistas, e ressaltando a importância do empoderamento para as meninas, outros vídeos discutem também o feminismo como movimento social pelos direitos das mulheres; e a homofobia aparece mostrada através de frases impactantes, colocando como a sociedade impõe-se como intolerante. Gostaria de frisar também que o feminicídio e o machismo foram retratados em alguns trabalhos, onde foi estabelecida um corolário entre ambas situações.

<b>Quadro 5</b>	
Poema	Poema
<p>Machismo assola o Brasil Um fato muito importante Acham que é um problema hostil Mas sabemos que é gigante.</p> <p>Agradeço a quem está na luta Nunca vamos parar Essa é nossa conduta Sabendo que é isso que sempre vou recitar.</p>	<p>Para falar de feminismo Primeiro tenho que explicar Que tudo tem um contexto E que nada disso foi só “para reclamar”</p> <p>A história conta que homem Tinha um trabalho para se orgulhar Já a pobre mulher não tinha nada Só podia limpar e cuidar</p>

Na subcategoria respeito e direitos estão nos vídeos produzidos em formato de cordel e poemas, que retratam as lutas pelos direitos da mulher, tanto no mercado de trabalho como na política, este foi o único grupo que falou sobre a lei Maria da Penha, por este enfoque merece destaque.

A partir das considerações abordadas por este grupo, a reflexão que faço seria a de explorar melhor esse tema da importância da Lei Maria da Penha, e seus desdobramentos legais, incluindo o esclarecimento sobre as tipologias de violências sofridas pelas mulheres, e como identificar e classificar assédio, importunação e feminicídio. Pois, falou-se pouco sobre um tema extremamente importante.

Na subcategoria homenagens e honrarias estão os vídeos produzidos pelos grupos que escolheram retratar as histórias familiares de cunho pessoal e que serviram de inspiração para uma das integrantes da equipe, e que ela resolveu compartilhar. Uma história real, de pessoas simples, mas que têm histórias de vida inspiradoras.

Este formato de apresentação da atividade nos remete aos conceitos da imaginação sociológica, que tem sua utilização fundamentada na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período no qual sua situação e seu ser se manifestam. É através desta imaginação sociológica que as pessoas percebem o que se dá à nossa volta e o que acontece conosco como pontos de cruzamento entre nossa biografia e a história da sociedade (MILLS, 1969).

Esta categoria encerra-se com a subcategoria 5 referente às discussões sobre a mulher no mercado de trabalho, seguindo o que foi discutido na temática do livro didático sobre a divisão sexual do trabalho e a situação feminina entre o público e o privado. O interessante na produção deste grupo é que não se limitaram aos conteúdos do livro didático, conseguindo aprofundar outras discussões sobre o papel da mulher na sociedade, essa forma lúdica de apresentar permite tratar o assunto com leveza e seriedade ao mesmo tempo.

Na categoria 4, Patriarcado e machismo, os vídeos trazem conceitos e definições seguindo também o tema que foi proposto para a atividade, com a construção de excertos sobre o patriarcado e seus efeitos, são vídeos explicativos com visões crítico-reflexivas sobre o mundo e nossa trajetória enquanto humanidade. Um dos vídeos, em especial,

trouxe uma paródia motivadora e inspiradora de incentivo para as pessoas serem o que quiserem e desejarem ser, a perdermos o medo, e como eles colocam é um incentivo “a ser o que você quiser”, finalizando com uma frase muito interessante que soa como alerta: “cuidado para não cair na lábria do patriarcado”.

Minha percepção sobre a desenvoltura das equipes, e o que pode estar obstaculizando de serem o que quiserem, se liga intrinsecamente aos efeitos do patriarcado na vida de muitas mulheres, é bom destacar que o grupo 2 da turma 2, é formado somente por meninas. E de que o tema foi sobre o patriarcado, porém, isto não as impediu de imprimirem, sem abusos, críticas reflexivas as ações machistas como sendo obstáculos no desenvolvimento de suas vidas.

“Vivemos em um mundo cruel e egoísta, onde as mulheres independentes são o maior medo dos machistas” (Vídeo 13 – Turma 2 / grupo 2)

No caso dos vídeos confeccionados pelo grupo 5 da turma 3 e pelo grupo 9 da turma 4, seguem a mesma toada, ou seja, o foco principal é o machismo, trazem imagens e uma paródia que nos alerta para acabarmos com o machismo, e coloca que para isso ocorrer “é só ser você”. Pode ser colocado como alerta, mas também soa como um incentivo às mulheres para romperem e/ou quebrar esses paradigmas que obstam seu desenvolvimento pessoal, social e cultural.

A categoria 5, Interseccionalidades - Raça, Classe e Gênero, encerra as atividades propostas pela intervenção. Um dos vídeos traz o contexto de raça, gênero, identidade e respeito às mulheres, este vídeo conclui afirmando que se quisermos um Brasil diferente temos que ter uma sociedade que respeite as diferenças. Os vídeos têm perspectivas similares, discutem o contexto relacionado às questões sociais que envolvem aspectos das desigualdades de classe, gênero e raça, entremeados por questões como o racismo, o feminismo e as lutas por igualdade e justiça.

Os vídeos produzidos pelos estudantes apresentam questionamentos, afirmações e críticas em forma de expressões, como “será que realmente somos iguais”? e “na sociedade reina o preconceito”. Outros estudantes para além das críticas trazem mensagens também de esperança, como “a união faz a força”, e que é importante nos unirmos nessa cruzada contra os preconceitos. Por fim, destaco a poesia que considero emblemática para a categoria 5 por relatar que a “Mulher não é sexo frágil, Mulher é inspiração” (Quadro 6)

<b>Quadro 6</b>	
<b>Mulher é inspiração</b>	
<p>Olá pessoas! Posso entrar? Vou falar de Interseccionalidades Senta aí que vou explicar</p> <p>Interseccionalidades é simples de entender É quando o outro se sente superior Pelo seu jeito de ser Seja por classe, gênero ou cor</p> <p>Quem vê pensa que não existe Mas isso não é verdade O que vou falar é triste Mas é a nossa realidade</p> <p>Quando se trata das mulheres Isso se torna pior Pois elas são excluídas Mesmo dando seu melhor</p> <p>Na questão da raça É onde sinto mais indignação Mulheres negras são rebaixadas Só por causa da opressão</p> <p>Como pode alguém julgar pela cor da pele? Em vez de empregar preta pra ser chefe Emprega para ser diarista Vai pra longe de mim seu racista</p>	<p>Mulher com classe social baixa Sofre diariamente Não têm oportunidades Temos que mudar isso imediatamente</p> <p>Todas têm o direito de falar Precisamos nos voltar Para aquelas que a sociedade Insiste em não escutar</p> <p>E os problemas não param por aí Mulheres ganham menos que os homens Quando pergunta sobre justiça Elas somem...</p> <p>Mulheres na comunidade LGBT É outra realidade São julgadas diariamente Por conta da sua sexualidade</p> <p>Ninguém faz escolha A pessoa nasce assim De nada adianta ter mente fechada Se exaltar, não dá em nada</p> <p>E entendendo tudo isso Só nos resta aprender Respeitar apesar de tudo Para melhor conviver</p> <p>Com tudo isso fica a lição Mulher não é “sexo frágil” A mulher é <b>INSPIRAÇÃO.</b></p>

Os materiais classificados na categoria 5 me possibilitaram a criação de uma subcategoria intitulada racismo, a única desta categoria. Mesmo o foco principal do projeto sendo gênero na condição da mulher, o racismo representa um tema de suma importância, e é indispensável estabelecer suas conexões interseccionais com classe e, principalmente, gênero.

Porém, como um grifo meu, embora tenha sido satisfatória as discussões sobre Interseccionalidades, é preciso posteriormente continuar trabalhando com maior profundidade as conexões mais atuais que a temática aborda. O mundo agora não se restringe aos aspectos de classe, raça e gênero, outras configurações e formatos de

exclusões sociais se proliferam, principalmente com o avanço das tecnologias, o que necessita de análises aprofundadas sobre as novas sociabilidades que incluem excluindo.

Enfim, a maioria das atividades propostas foram satisfatórias, exceto dois grupos que fugiram aos temas do projeto, não consegui identificar muito bem quais foram os motivos, alegaram que queriam falar sobre a pandemia. Hoje, avaliando um dos vídeos, me parece o início do movimento negacionista, com desconfiança sobre os agravos da doença. No geral, embora estivéssemos vivendo uma situação de Pandemia que agravou as vulnerabilidade das mulheres, os materiais produzidos pelos estudantes não fizeram destaque sobre isso.

#### **4.2 Aportes teóricos que fortalecem as reflexões engendradas pela intervenção**

Esta seção é importante para compreendermos as discussões fomentadas pelos materiais produzidos pelos/as estudantes, a partir das categorias e subcategorias como elementos motivadores que dialogam com alguns referenciais teóricos, articulando as reflexões geradas pela implantação do projeto de intervenção.

Nessa perspectiva, o texto “Gênero como categoria de análise histórica”, de Joan Scott (1995), mostra a dimensão da questão de gênero diferenciada daquilo que costumamos entender como sinônimo de “mulheres”, com conotações objetivas e neutras. O caminho não é por aí, e sim entender a questão como categoria analítica com prisma interseccional de raça, classe e gênero, relacionado historicamente às relações de poder. E essas situações aparecem, não somente nas discussões em sala, mas como parte das produções elaboradas pelos/as alunos/as.

O texto de Joan Scott (1995) desenvolve temas amplamente debatidos, como a importância relacional de entender as construções culturais de parentesco, educacionais e sistemas políticos, que funcionam como instituições para serem analisadas cientificamente. Talvez, para próximas desenvolvimentos da intervenção, seja necessário aproximar-se ainda mais da produção do conhecimento sociológico.

A primeira experiência desta intervenção mostrou que os/as estudantes compreenderam que as questões relacionadas à gênero não se resumem apenas às mulheres, mas também as variadas configurações estabelecidas entre as relações humanas, contempladas nas cinco categorias criadas a partir dos materiais produzidos pelos/as estudantes.

Importante reflexão é trazida por Berenice Bento (2011) no artigo “Na Escola se aprende que a diferença faz a diferença”, algumas questões merecem destaque, pois apareceram de forma contundente em vários trabalhos apresentados na intervenção. Primeiramente, as relações existentes entre escola, heteronormatividade e homofobia, e de como a escola, em muitos casos, se torna um espaço de terror, gerando processos não de evasão, como de costume, mas de expulsão. Isto, segundo a autora, é uma espécie de heteroterrorismo.

É preciso enfrentar com eficácia esses dilemas que muitas vezes constituem o cotidiano escolar de muitas instituições de ensino, carregados de intolerância e homofobia. Se faz premente criar mecanismos para medir em que níveis estão as escolas no tocante à homofobia, pois não existem indicadores, impossibilitando medidas e/ou ações afirmativas de combate a esta prática abusiva.

Essa questão também deve ser melhor abordada em próximas intervenções, pois estes fatos têm produzido uma espécie de invisibilidade social. Percebi que os/as estudantes nos seus trabalhos parecem nos dar sinais destes perigos iminentes, primeiramente por utilizar o espaço de fala, em sala de aula, para relatar abusos e violências, e segundo na produção das atividades de cunho reivindicatória por respeito e direitos.

A tese de doutorado de Mirian Adelman (2016), “A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea”, realiza importante contextualização histórica sobre os movimentos sociais nos anos 1960, e quais seriam suas principais repercussões no meio intelectual/acadêmico, e quem seriam os novos sujeitos da sociedade pós-industrial? Tais questionamentos são fundamentais no entendimento da emergência das teorias feministas contemporâneas.

Neste sentido, Adelman (2016) aborda a importância do diálogo de autores consagrados nas ciências sociais, com as teorias feministas, abrindo, mesmo que parcialmente, os canais de comunicação e os estudos pós-coloniais. Reformulando as narrativas, como um convite para muitos outros novos diálogos, com o intento de romper a resistência entre feminismo e Sociologia.

O que me parece ter logrado êxito, pois este projeto de intervenção e as atividades desenvolvidas pelos/as estudantes, demonstram suas lutas e conquistas. De forma prática

e efetiva as resistências foram sendo minadas, nada pode impedir que essas discussões avancem nas ciências sociais e mais precisamente entre as juventudes. Mais uma comprovação da viabilidade desta proposta de intervenção pedagógica aqui desenvolvida.

A questão anterior nos remete a uma discussão sobre as questões de gênero nas Ciências Sociais, neste sentido, quero trazer para nosso debate o livro “O gênero nas Ciências Sociais: Leituras críticas de Marx Weber a Bruno Latour”, com tradução e organização por Lourdes Maria Bandeira e Tânia Mara Campos de Almeida (2014). Esta obra nos traz uma análise pormenorizada de várias visões das Ciências Sociais sobre a participação e/ou discurso relativos às questões de gênero.

São releituras críticas que nos oferecem um amplo panorama a respeito de vários autores importantes do pensamento social, resgatando uma visão, ou mesmo um outro olhar, sobre as mulheres, muitas vezes consideradas pela visão masculina padrão como grupos marginais. É uma obra que merece destaque como referência em pesquisas sobre gênero, feminismos e aprofundamentos de teorias socioculturais.

O que é de se estranhar, é de como foi possível que tantos autores do pensamento social não tenham ouvido com mais atenção a voz das mulheres que, desde o século XIX, se colocavam contrárias à experiência comum entre elas de subordinação, lutavam pelos mesmos interesses e direitos no mundo do trabalho e denunciavam ser a família governada arbitrariamente pelo poder dos homens (BANDEIRA; ALMEIDA, 2014), por quais motivos as mulheres não eram consideradas atrizes sociais, protagonistas do seu próprio modo de ação na dinâmica social, seja no plano simbólico como material.

Segundo a obra “O gênero nas Ciências Sociais: Leituras críticas de Marx Weber a Bruno Latour” (2014), a maioria dos autores assume ser o lugar e o papel das mulheres naturalmente ligados à família, considerado esta como a esfera das emoções, das particularidades e longe das lutas sociais. Essa exclusão das mulheres reverbera-se nos efeitos históricos nocivos e constitutivos do sistema de gênero também na reprodução do saber acadêmico, assim sendo, constitui-se como um dos principais objetivos revisitar as Ciências Sociais que foram fundadas somente pelo viés hegemônico do masculino.

Alguns destaques devemos realizar, por exemplo que Karl Mannheim foi um dos poucos a citar as questões que envolvem discussões de gênero, chamando a atenção para o conhecimento do ponto de vista das mulheres na Sociologia. Max Weber, um pouco

antes, no século XIX, marcou timidamente a Sociologia feminista de sua esposa Marianne Weber, fora isto, alguns pequenos comentários e lamentações sobre as Ciências Sociais ter privilegiado apenas a vertente masculina.

Nesse universo masculino, a única mulher com representatividade acadêmica é Hanna Arendt, que exerce certa influência na estruturação do conhecimento científico moderno. Por fim, como colocado pelas autoras, essa jornada de uma “vida bandida”, precisa necessariamente ser reconstruída por caminhos genuinamente feministas, que possam colocar as mulheres como legítimas protagonistas do conhecimento científico, e que de forma equânime possam ser reconhecidas tanto na academia quanto na sociedade.

Importante ressaltar que este projeto de intervenção pode contribuir na construção dessas novas jornadas, ultrapassando as esferas dos valores e direitos, que são fundamentais, porém, apontando caminhos e possibilidades para as novas gerações. A escola protagonizando espaços de discussão e de formação de jovens, em igual condições de oportunidades, respeitando as diferenças e as diversidades.

### **4.3 Os postulados de uma “escola sem partido”**

Sem querer vilipendiar com adjetivações essa questão, gostaria de colocar que algumas reflexões apresentam o movimento “Escola sem partido” (ESP) como algo sem sentido, daí surgem as chacotas e trocadilhos de chamar tal questão de “movimento por uma escola sem sentido”. Quero demonstrar quais relações existem para que os defensores dessa questão declarem guerra à “ideologia de gênero”? E por que esse termo é o carro chefe das discussões do chamado ESP?

Vou realizar algumas contextualizações segundo o artigo de Luís Felipe Miguel (2016), “Da ‘doutrinação marxista’ à ‘ideologia de gênero’ – Escola sem partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro”. Primeiramente, entender suas configurações a partir das junções dos discursos reacionários do chamado Libertarianismo, que defendem o chamado Estado menor; o Fundamentalismo religioso, que anula qualquer possibilidade para o debate e também se acopla aos latifundiários e defensores do armamento; e o Anticomunismo, caracterizado pelo bolivarianismo de Hugo Chávez, segundo os mesmos, predominante na América Latina e que conspiram para dominar o mundo.

Esse caldo conservador tradicionalista, tendo como mentor e/ou guru Olavo de Carvalho, que sabidamente utilizava-se das redes sociais, principalmente na estruturação

das “fake News”, para disseminar esses ideais. Nesse sentido, as interpelações trazidas pela discussão de gênero que questionam os papéis sexuais e o modelo heteronormativo hegemônico colocam em risco a família, os bons costumes e toda a sociedade, tornam-se um prato cheio para os discursos conservadores, cheios de ódio e preconceitos.

Muitas discussões formaram-se na política brasileira a partir daí, e a mais recorrente têm sido a supressão e o banimento do tema gênero, que se difere do tema inicial proferido pela escola sem partido, que seria atacar a chamada “doutrinação ideológica” de caráter marxista. Ou seja, é patente que a oposição dos religiosos conservadores à educação progressista nas questões de gênero é inteiramente independente do movimento intitulado escola sem partido (MIGUEL, 2016).

Essa mudança de foco, caracteristicamente de viés político, aproveitando-se do desconhecimento e certa ingenuidade por parte da sociedade sobre o assunto, passa a ser o carro chefe do movimento. Essa lacuna da falta de conhecimento permite que políticos inescrupulosos e aproveitadores possam se esbaldar sem piedade, assim eles conseguem no jogo do poder manter seu domínio, ampliando suas reivindicações para impedir que na escola seja transmitido qualquer conteúdo contrário aos valores “cristãos”.

Os/as professores/as devem apenas repassar os conteúdos chamados e entendidos como neutros ou objetivos, vigora então uma espécie de “Lei da Mordança”, tais fatores impeditivos torna a escola lugar propenso para a intolerância, as injustiças e a opressão. Não é possível termos uma sociedade justa sem ter como prioridades o combate à misoginia e homofobia (MIGUEL, 2016), nesse contexto é que se insere a importância de um projeto que discuta sobre gênero, identidades e sexualidades, com vertentes e possibilidades para várias outras discussões e debates.

Em outro artigo “O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático”, de Fernando de Araújo Penna, também presente no livro “O ódio como política”, organizado por Esther Solano (2018), o autor realiza algumas discussões muito importantes para nossas reflexões, primeiramente sobre o impacto do discurso na comunidade escolar, onde até o presente momento o espectro do medo assola os/as professores/as.

Em segundo plano, mas de muita importância, o termo em si, de “escola sem partido”, aparece com teor apelativo e de desprezo pela política, o que permeia a

consciência da sociedade que sente ojeriza pela política como entendida e vista por todos. Em outros termos, podemos afirmar que o grande desconhecimento propicia uma exploração política do tema, o que se torna impeditivo para o desenvolvimento de uma educação democrática.

## 5 CONCLUSÃO

A proposta desta pesquisa apresentada no Mestrado Profissional de Sociologia, enquanto estudo científico, fundamenta-se na prática de ensino-aprendizagem, a partir da realização de um projeto de intervenção, em Sociologia e disciplinas afins, procurando estabelecer e criar metodologias de ação pedagógica para avaliar com precisão e eficácia seus efeitos no cotidiano escolar. Além disso, buscou-se perceber como as atividades propostas podem fortalecer a convivência, o respeito às diferenças e a importância da prática pedagógica aliada às percepções de mundo e aos temas de grande relevância social que urgem respostas eficazes para seu combate.

Nessa perspectiva, objetivou-se avaliar e analisar as condições de tratamento sofridas pelo gênero feminino na contemporaneidade, na qual, mesmo com avanços e conquistas dos direitos básicos, as mulheres continuam sendo as pessoas que mais sofrem e vivenciam abusos, assédios e violências de todos os tipos. Por isso, se faz necessário, enquanto sociedade, nos organizarmos para ampliar as vias e espaços de discussões e reflexões sobre as relações de gênero entre adolescentes, principalmente nos ambientes escolares, entendendo a importância da escola como facilitadora desta relação pedagógica.

Portanto, se faz premente como dever da educação escolar, promover o desenvolvimento de uma cultura voltada para o respeito às diferenças, possibilitando espaços propícios de convivência pautados na aceitação e na harmonia social, que podem ser alcançados pela implantação de projetos que discutam sobre essas questões relacionadas às temáticas de gênero, identidade e sexualidade.

Sabemos das dificuldades a serem enfrentadas e temos consciência dos obstáculos que se apresentam, principalmente em um cenário obscurantista, que dificulta os avanços nas pautas socioculturais, científicas e sociais. Neste sentido, é preciso através de uma educação humanista, buscar caminhos democráticos para efetivar uma cidadania que minimize as diversas desigualdades em nossa sociedade. Ademais, devemos mesmo diante dos reveses procurar mecanismos e instrumentos para mitigar os efeitos dos preconceitos e estereótipos que motivam formas variadas de violências físicas e simbólicas.

As discussões fomentadas pelas ações desenvolvidas com os/as estudantes reverberaram no teor das suas ponderações na hora da produção e confecção dos seus trabalhos, conseqüentemente reproduzidos na maioria dos vídeos apresentados e analisados. Os materiais produzidos a partir da aplicação do projeto foram utilizados para análise de dados que corroboram com os propósitos e objetivos da pesquisa científica, recrudescendo as hipóteses e/ou pressupostos iniciais que motivaram sua implementação enquanto intervenção pedagógica.

Devo ressaltar também como resultado desta proposta de ação metodológica que o projeto “Soberanas: lugar de mulher é onde ela quiser” vem, ao longo de sua existência na escola, sendo destaque nas feiras de ciências e cultura, tanto local e regional, como também no âmbito Estadual. Dentre suas conquistas estão o primeiro lugar na feira científica da EEEP Edson Queiroz, duas vezes primeiro lugar no Ceará Científico, etapa regional, representando a 9ª crede, e por último terceiro lugar no Ceará científico 2021, etapa Estadual. Para este último, produzimos um artigo científico e um vídeo, disponível na plataforma do YouTube, retratando toda a trajetória do “Projeto Soberanas”.

Por fim, espera-se que os métodos de intervenção pedagógica propostos e os resultados alcançados neste trabalho possam conduzir professores e professoras no âmbito escolar, para alcançar seus objetivos pedagógicos relacionados às questões de gênero, identidade e sexualidades, reverberando melhores práticas e posturas no tratamento com essas temáticas, tendo consciência de que não existe um caminho certo, mas caminhos que podem nos conduzir ao paraíso da esperança ou ao inferno do negacionismo, nossas escolhas é que podem fazer toda a diferença.

## REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta: Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. 2ª ed. São Paulo: Blucher, 2016. 246 p.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. 1ª ed. São Paulo: Reviravolta, 2019.
- ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: O ponto de vista marxista**. 1ª ed. São Paulo: Nobel, 1986.
- ARAÚJO, Ariadne. **Bárbara de Alencar**. 2ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- BARBOSA, M. L.; QUINTANEIRO, T.; RIVERO, P. **Conhecimento e Imaginação: Sociologia para o Ensino Médio**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.
- BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular- Ensino Médio**. Brasília/DF: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares nacionais. Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília/DF, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade. 8ª Ed., Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

CARNEIRO, Italan. Música e Sociologia: aproximações possíveis em sala de aula. **Fladem Brasil**, Vitória, 2018.

CARNIEL, Fagner; FEITOSA, Samara; (Org.) **A Sociologia em sala de aula**: diálogos sobre o ensino e suas práticas. 1ª Ed. Curitiba, Base Editorial, 2012.

CARNIEL, Fagner; RUGGI, Lenita; Para levar a Sociologia ao Ensino Médio. Uma conversa sobre ciência e conhecimento. In: CARNIEL, Fagner; FEITOSA, Samara; (Org.). **A Sociologia em sala de aula**: diálogos sobre o ensino e suas práticas. 1ª Ed. Curitiba, Base Editorial, 2012.

CHAUÍ, Marilena. “O discurso competente”. In: **Cultura e Democracia**. São Paulo, Cortez, 1997.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. São Paulo, moderna, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez. A Escola "faz" as juventudes?: Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, ed. 100, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, Juarez. A juventude no contexto do ensino da Sociologia: questões e desafios. In: MORAIS, C. Amaury. (Coord.). **Sociologia**: Ensino Médio. Coleção explorando o ensino. Vol. 15, Brasília, 2010.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 11ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1978.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. São Paulo, moderna, 2004.

FERREIRA, E. *et al.* Apontamentos sobre a inserção de gênero no currículo escolar e movimentos de censura. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 11, n. 2, 30 mar. 2020.

FERNANDES, Florestan. Educação e Sociedade no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1966.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 5ª reimpressão. Ed. São Paulo: UNESP, 1991. 156 p. ISBN 85-7139-022-3.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- GONÇALVES, Danyelle Nilin; MOCELIN, Daniel Gustavo; MOCELIN, Mauro Meirelles (Orgs.). **Rumos da sociologia no ensino médio: ENESEB 2015, formação de professores, PIBID e experiência de ensino**. Porto Alegre: CirKula, 2016.
- HEERDT, Mauri Luiz. **Construindo Ética e Cidadania todos os dias: Reflexões sobre temas filosóficos, sociais, políticos, econômicos e históricos**. 1ª ed. Florianópolis: Sophos, 2005.
- JINKINGS, Nise. **Ensino de Sociologia: Particularidades e Desafios Contemporâneos. Mediações**, londrina, v. 12, ed. 1, p. 113-130, janeiro/junho 2007.
- KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho e Escola: A flexibilização do ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, ed. 139, p. 331-354, abril/junho 2017.
- LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.
- MIGUEL, Luís Felipe. Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero": Escola sem partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 07, n. 15, 2016.
- MILLS, Wright C. A imaginação sociológica. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 246p.
- MORAIS, C. Amaury. (Coord.). **Sociologia: Ensino Médio**. Coleção explorando o ensino. Vol. 15, Brasília, 2010.
- MORAIS, C. Amaury; GUIMARÃES, F. da Elisabeth. Metodologias de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM - Sociologia. In: MORAIS, C. Amaury. (Coord.). **Sociologia: Ensino Médio**. Coleção explorando o ensino. Vol. 15, Brasília, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres**. 1ª ed., São Paulo: Companhia de Bolso, 2017. v. 2.

O GÊNERO nas ciências sociais: leituras críticas de Marx Weber a Bruno Latour. Tradução: Lourdes Maria Bandeira, Tânia Mara De Almeida. Brasília e São Paulo: Edunb/Unesp, 2014. 584 p.

OLIVEIRA, Amurabi. Educação e pensamento social brasileiro. **Revista de ciências sociais**, Fortaleza, ano 1, v. 45, n. 1, 2014, p. 15 - 44.

PENNA, Fernando de Araújo. O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático. **Quaestio**, Sorocaba, v. 20, n. 3, 2018.

PILETTI, Nelson. Sociologia da Educação. 18ª Ed. São Paulo, Ática, 2007.

PINSKY, Jaime; E BASSANEZI, Carla (org.). **História da Cidadania**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PIOVESAN, Flávia. **Temas de Direitos Humanos**. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ROSISTOLATO, Rodrigo. O espaço escolar: leituras sociológicas. In: CARNIEL, Fagner; FEITOSA, Samara; (Org.). **A Sociologia em sala de aula: diálogos sobre o ensino e suas práticas**. 1ª Ed. Curitiba, Base Editorial, 2012.

SANTANA, E.; LEGUIÇAMO CENTENA SILVA, E.; MARIA BILLIG MELLO, E. Igualdade de gênero na escola: um diálogo possível. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 11, n. 3, 18 fev. 2020.

SARANDY, Flávio. O trabalho com temas e conteúdos no ensino de Sociologia. In: CARNIEL, Fagner; FEITOSA, Samara; (Org.). **A Sociologia em sala de aula: diálogos sobre o ensino e suas práticas**. 1ª Ed. Curitiba, Base Editorial, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, 1995.

SILVA, Ana Carolina da. **Gênero em Quarto de Despejo: a literatura marginal como instrumento didático**. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

SOLANO, Esther. G. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.